

o Preto

Faetec Uma fábrica de artistas e esportistas



Aluísio Azevedo
Cem anos de morte do autor
de *O Cortiço*. Página 4



Visitas às estações da Cedae
Wagner Victor: "formando consciência ambiental". Página 15

**Imagens
do Povo**
Projeto une
fotografia e
cidadania.
Página 6



O Rioprevidência Cultural é um local destinado aos servidores ativos e aposentados, pensionistas do Estado do Rio de Janeiro e ao público em geral. Com programas especialmente planejados para atender às demandas dessa população, o Rioprevidência Cultural proporciona atividades de treinamento, entretenimento, cultura, além de uma sala de leitura e uma sala de treinamento com computadores e acesso à internet.

A programação do Rioprevidência Cultural é atualizada mensalmente e tem como foco o público da 3ª idade, que carece de opções de lazer e cultura necessários para a manutenção de mente e corpo sãos.

Em sua grade fixa é possível encontrar aulas de dança, teatro, línguas, informática, artesanato, pintura e muito mais. Mensalmente há atividades especiais, como palestras, shows, passeios e outros.

Horário de funcionamento:
Das 9h às 17h.
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas**

Rioprevidência Cultural
Av. Professor Manuel de Abreu, 300
Maracanã
Tel: (21) 2334-2207
rioprevidencia.cultural@rioprevidencia.rj.gov.br



A Escola de Educação Financeira do Rioprevidência é um espaço de interatividade e aprendizagem com o objetivo de construir habilidades nas áreas de economia e finanças de forma didática e diferenciada. Ela contribui para que as pessoas possam melhorar suas decisões relativas ao consumo, poupança e utilização de créditos, permitindo uma administração responsável e consistente dos próprios rendimentos e bens.

Com aulas e palestras de educação financeira básica, endividamento, investimento em ações, entre outras, a

Escola visa atender a jovens da rede pública Estadual, adultos, servidores públicos, idosos, aposentados e pensionistas do Rioprevidência, além dos demais interessados em participar do programa.

Com parceiros de renome como CVM, BM&F Bovespa, Anbima, Apimec e INI, a Escola consegue montar uma programação de cursos bem completa e diversificada para atender a todos.

**Horário de
funcionamento:**
Das 9h às 17h.

Inscrições abertas:
www.rioprevidencia.rj.gov.br

**Atividades
Gratuitas.**

Escola de Educação Financeira
Rua Felipe Camarão, 83 – Vila Isabel
Tel: (21) 2334-1846
eef@rioprevidencia.rj.gov.br



Sérgio Cabral
GOVERNADOR

Regis Velasco Fichtner Pereira
SECRETÁRIO DE ESTADO CHEFE DA CASA CIVIL



Haroldo Zager Faria Tinoco
Diretor-Presidente

Valéria Maria Souto Meira Salgado
Diretora Administrativo-Financeira

Jorge Narciso Peres
Diretor-Industrial

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Telefone: 2717-4141 PABX

www.imprensaoficial.rj.gov.br

o Prelo ANO X nº 33

Revista de Cultura da Imprensa
Oficial do Estado do Rio de Janeiro

Rua Prof. Heitor Carrilho, 81
Centro - Niterói - RJ - CEP 24030-230
Assessoria de Comunicação Social - ASCOP
Tels: (21) 2717-4682

Endereço eletrônico:
oprelo@imprensaoficial.rj.gov.br

Editado pela Assessoria de
Comunicação Social da Imprensa Oficial

Assessora de Comunicação:
Luciana Medeiros

Estagiários:
Mariana Ghetti
Natan Pereira
Rafael Ribeiro
Thaís Brito

Programação Visual:
Angela Duque
Luis Fernando da Silva Reis

Revisão:
Assessoria de Comunicação Social
da Imprensa Oficial

Capa:
Aula de teatro na Escola Luis Carlos Ripper
Foto ASCOM Faetec

IMPRESSA NO PARQUE GRÁFICO DA
IMPRESSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

NESTA EDIÇÃO

CAPA

10 FAETEC

Cursos de formação técnica
incluem teatro, música e esportes



MEMÓRIA

4 ALUÍSIO AZEVEDO

Há cem anos morria o escritor e jornalista

30 O PATRIOTA

Publicação pioneira completa centenário



CIDADANIA

6 IMAGENS DO POVO

Projeto forma profissionais de
fotografia em comunidades

SUSTENTABILIDADE

15 CEDAE

Empresa abre ao público
as estações de tratamento

23 FLORESTA DA TIJUCA

Um coração verde
na capital do Estado



32 CAMBUCÁ

A luta pela preservação da árvore

34 BIBLIOTECA DO INEA

Local reúne publicações sobre o meio ambiente



ESPECIAL

18 RIO DE JANEIRO:

EXISTE UM LUGAR

Livro exalta a natureza, a
cultura e as conquistas do Estado

ACERVO

24 ERNESTO NAZARETH

Instituto Moreira Salles digitaliza
acervo e homenageia o compositor

MUSEU

28 CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Na Baixada Fluminense, o Instituto
Odé Gbomi traz a história da África

AS OPINIÕES EMITIDAS NAS MATÉRIAS SÃO DE RESPONSABILIDADE
EXCLUSIVA DOS AUTORES

Aluísio Azevedo: um escritor crítico e engajado

O ano de 2013 marca o centenário de morte do autor de O Cortiço e O Mulato

THAÍS BRITO

Há 100 anos, no dia 21 de janeiro de 1913, morria Aluísio Azevedo, considerado o precursor do Naturalismo no Brasil.

Um dos maiores autores da literatura brasileira, caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, o escritor ganhou notoriedade ao discutir temáticas sociais, econômicas, raciais e éticas em suas obras.

Nascido em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857, filho primogênito de vice-cônsul de Portugal David Gonçalves de Azevedo e de dona Emília Amália Pinto de Magalhães, Aluísio tinha somente um irmão, o autor de comédias Artur Azevedo – configuração rara para as famílias da época. Até o início da juventude dividiu o tempo entre os estudos, o gosto por desenho e pintura e o trabalho como caixeiro e guarda-livros. Em 1876, mudou-se para o Rio de Janeiro a convite do irmão e matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes, atualmente Escola Nacional de Belas Artes. Foi o início

da carreira de caricaturista nos jornais da corte como *O Fígaro*, *O Mequetrefe*, *Zig-Zag* e *A Semana Ilustrada*.

O período carioca, porém, não duraria muito: apenas três anos após a sua chegada ao Rio, retornou a São Luís ao ser avisado do falecimento do pai – e na capital do Maranhão continuou a trabalhar em jornais, ajudando inclusive a fundar o periódico anticlerical *O Pensador*, favorável à abolição da escravatura, posição oposta à defendida pela Igreja. Foi também quando publicou seu primeiro livro, em 1879: o romance *Uma lágrima de mulher*, em estilo romântico.

Dois anos depois, lançou *O Mulato*. Ao abordar o preconceito racial no auge da campanha abolicionista, causou polêmica na sociedade maranhense, de viés tradicionalista. Era a sua aproximação com o estilo naturalista, escola literária que tinha como base a observação da realidade. Influenciado por Eça de Queiróz e pelo escritor francês Émile Zola, retratava as questões dos mestiços. A obra de Azevedo acabou sendo dividida em dois momentos: a fase romântica, com obras produzidas para agradar ao público, garantindo boas vendas, e o naturalismo, onde podia revelar seus questionamentos sobre as mazelas do país. Foi, efetivamente, o pioneiro do estilo no Brasil.

Aluísio Azevedo retornou ao Rio de Janeiro em 1881 disposto a se dedicar à literatura – mas, para garantir a sobrevivência, passou a trabalhar em quase todos os jornais da época. Escreveu folhetins e publicou alguns romances menores. Entre 1882 e 1895, trabalhou em diversas frentes: romances, crônicas e peças de teatro em parceria com o irmão Artur Azevedo e escreveu comédias com Emílio Rouède como *Venenos que curam*, *O caboclo*, *Um caso de adultério*, entre outras. A partir de 1884 – quando ele tinha apenas 27 anos de idade – voltou seu olhar crítico para novas temáticas, tais como a ocupação habitacional irregular provocada pela degradação dos espaços de moradia e a exploração do imigrante. Esses temas serviram de inspiração para *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890).

Em 1895, aposentou a pena: passou a se dedicar à diplomacia e, representando o Brasil, morou na Espanha, no Japão, na Argentina, na Inglaterra e na Itália. Chegou a cônsul de 1ª. Classe em 1910, sendo designado para Assunção. Três anos depois – e exatamente um século atrás – Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo falecia aos 56 anos em Buenos Aires, deixando a mulher dona Pastora Luquez e filhos que adotou, Pastor e Zulema. □

OBRAS DE ALUÍSIO AZEVEDO

ROMANCES

1880: *Uma Lágrima de Mulher*
1881: *O Mulato*
1883: *Mistérios da Tijuca* (reeditado: *Girândola de amores*)
1882: *Memórias de um condenado* (reeditado: *A condessa Vésper*)
1884: *Casa de Pensão*
1884: *Filomena Borges*
1887: *O Homem*
1889: *O Coruja*
1890: *O cortiço*
1894: *A mortalha de Alzira*
1895: *Livro de uma sogra*

NOVELAS E CONTOS

1893: *Demônios*
1897: *Pégadas*

TEATRO

- Em parceria com o irmão Artur Azevedo:
1879: *Os doidos*
1882: *Flor-de-lis*
1882: *Casa de Orates*
1888: *Fritzmac*
1890: *A República*

- Em parceria com Emílio Rouède:
1886: *Venenos que curam*
1886: *O Caboclo*
1891: *Um caso de adultério*
1891: *Em flagrante*



Acervo Fundação Biblioteca Nacional

Trechos de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo

CAPÍTULO III

(...)

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedeceu o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a

tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço.

Acervo Ramalho Produções



Betty Faria e Mário Gomes são Rita Baiana e Jerônimo no filme *O Cortiço* (1978), dirigido por Francisco Ramalho Jr.

CAPÍTULO VII

O chorado arrastava-os a todos, despoticamente, desesperando aos que não sabiam dançar. Mas, ninguém como a Rita; só ela, só aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante.

E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados.

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestas da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordo-

ara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zum-biam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (...)

UM NOVO OLHAR

Projeto de fotografia na Maré tem como objetivo mudar a ótica negativa com que são vistas as comunidades



AF Rodrigues/Imagens do Povo

MARIANA GHETTI

Desvincular da favela aquela velha imagem negativa e ao mesmo tempo formar profissionais que possam dar depoimentos poéticos e políticos sobre as comunidades em que vivem – tudo através da fotografia. Essas são as metas do Programa Imagens do Povo, que funciona como um centro de documentação, pesquisa, capacitação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho. O Programa vem formando um banco de imagens clicadas por moradores de comunidades e já possui sete mil fotos catalogadas. Dessa maneira, além de dar treinamento para o mercado de trabalho, oferece a fotografia como um instrumento para que os moradores de comunidades populares registrem sua própria história de maneira crítica.

O responsável pela criação do Imagens do Povo é o fotodocumentarista João Roberto Ripper, que em 2004 desenvolveu o projeto como parte do programa sócio-pedagógico, Observatório de Favelas, criado

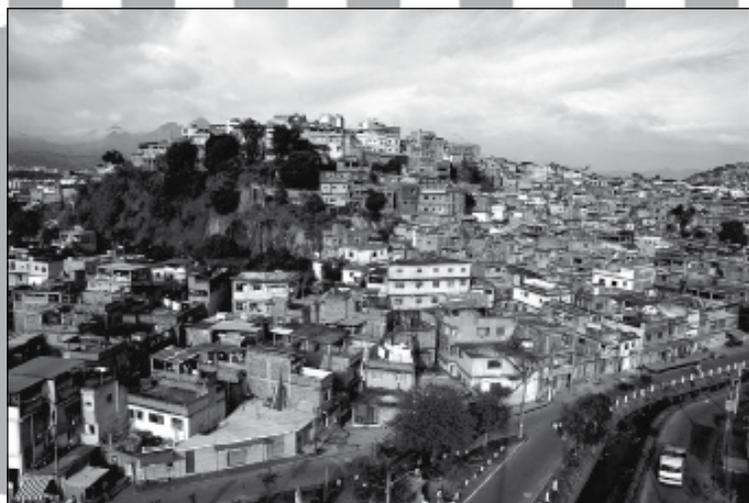
três anos antes, em 2001. São diversas ações – e por isso, o projeto é considerado um Programa. Além do Banco de Imagens, a Escola de Fotógrafos Populares, o Curso de Formação em Educadores da Fotografia, as Oficinas de Fotografia Artesanal (pinhole) e a Agência-Escola também integram as atividades. “A ideia do Imagens do Povo e da Agência-Escola surgiu quando a ONG Observatório de Favelas, que trabalha com as comunidades do Rio de Janeiro, me procurou para que eu fizesse uma documentação fotográfica das comunidades com um olhar diferenciado”, conta Ripper.

Mas não foi fácil. O fotodocumentarista enfrentou – e ainda enfrenta – obstáculos para manter todas as atividades do projeto em funcionamento. “Tivemos muitas dificuldades para a criação da Agência-Escola. Com o primeiro financiamento conseguimos comprar equipamentos e garantir a primeira turma de fotógrafos. Mas para que as atividades aconteçam, o Programa depende de patrocínios”, ressalta o idealizador do Imagens do Povo.



No alto da página, equipe do Imagens do Povo: Fagner França, Joana Mazza, Monara Barreto, Alexandre Silva, Rúbia Pella, Erika Tambke e Francisco Valdean.

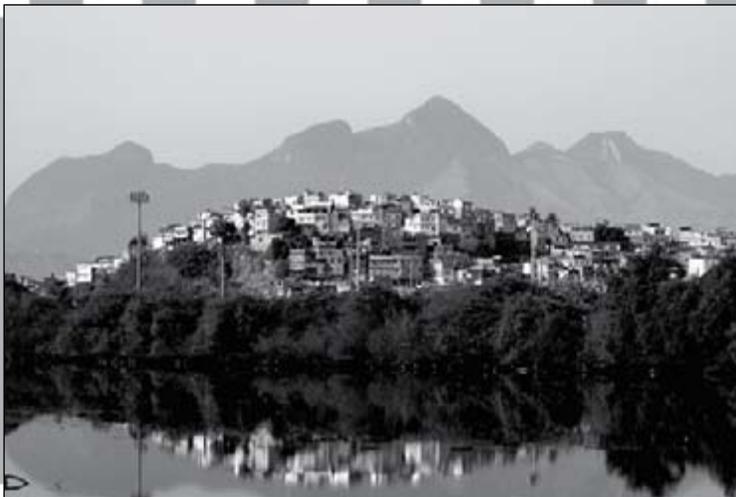
Acima, instalações da agência



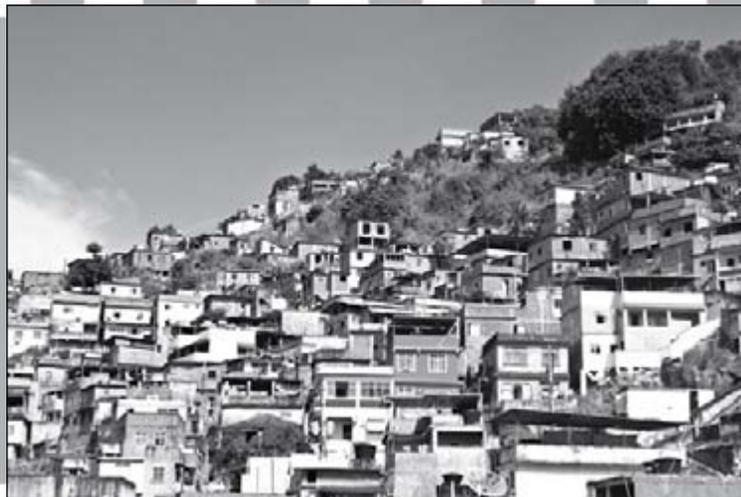
Maré, por Francisco Valdean/Imagens do Povo



Maré, por AF Rodrigues/Imagens do Povo



Maré, por Rosilene Miliotti/Imagens do Povo



Complexo do Alemão, por Leo Lima/Imagens do Povo

Os fotógrafos que produzem imagens para a Agência são, em sua maioria, formados pela Escola de Fotógrafos Populares. O curso, voltado prioritariamente para moradores de favelas, oferece lições de Psicologia, Direitos Humanos e Filosofia, além das aulas fotográficas práticas e teóricas. O currículo pedagógico de excelência é um dos diferenciais da Escola de Fotógrafos Populares. Desde a sua criação, cinco turmas do Imagens do Povo – com duração de um ano – já se formaram, com o suporte de patrocínios para as classes de 2004, 2006, 2007, 2009 e 2012.

A Agência-Escola, por sua vez, organiza a prestação de serviços do Programa: clientes podem solicitar coberturas e documentações fotográficas de diversos teores, feitas pelos graduados na Escola de Fotógrafos Populares – que, assim, têm a possibilidade de investir em um futuro profissional na área. João Roberto Ripper destaca a visão que a Agência busca mostrar. “Com o tempo, começamos a expor nosso trabalho e a dialogar com a sociedade. Buscamos também parcerias nas

grandes mídias sugerindo pautas. Nosso foco é traduzir a alma das pessoas”, conta.

Outra atividade do Programa Imagens do Povo é o curso de Fotografia Artesanal, em que crianças e adolescentes aprendem a fazer imagens com a técnica do *pinhole*, que significa “buraco de alfinete”. Esse tipo de fotografia é feito geralmente com uma câmara

improvisada com caixas de papelão ou latas de alumínio, que formam uma câmara escura. Com as oficinas de fotografia artesanal, os jovens alunos têm um primeiro contato com a fotografia e, a partir do interesse demonstrado, podem vir a ingressar na Escola de Fotógrafos Populares.

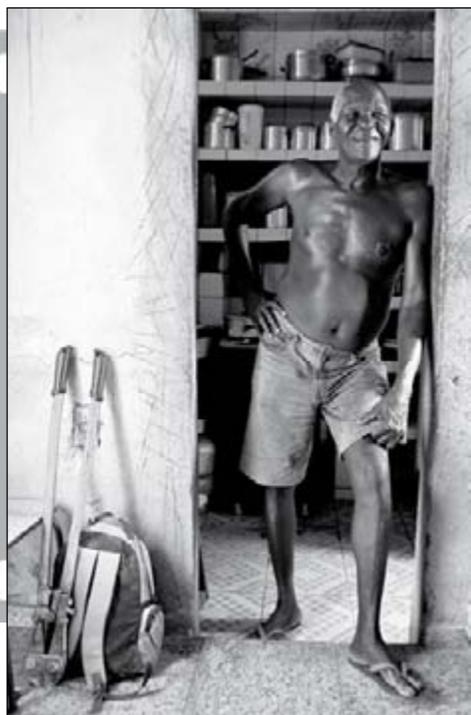
Os professores das aulas também fazem parte do Programa. O Curso de Formação em Educadores, apesar de não estar na programação de 2013 do projeto, é um importante meio de viabilizar a profissionalização de jovens fotógrafos. Os ex-alunos formados pela Agência-Escola aprendem a repassar os conhecimentos adquiridos a novos e futuros agentes sociais.

“É possível mudar o olhar das pessoas através da fotografia.”



Foto: Mariana Ghetti

O fotodocumentarista João Roberto Ripper, idealizador do projeto Imagens do Povo



Complexo do Alemão, por Edmilson de Lima/Imagens do Povo



Complexo do Alemão, por Leo Lima/Imagens do Povo



Complexo do Alemão, por Francisco Cesar/Imagens do Povo



Maré, por Francisco Valdean/Imagens do Povo

Formado em Marketing, Alexandre Silva, de 24 anos, entrou para o Imagens do Povo em 2009, como estagiário, e no ano seguinte foi efetivado. Hoje trabalha na área de comunicação do projeto e é um dos coordenadores da Galeria 535, que funciona na sede do Observatório de Favelas, na Maré. A galeria (que foi batizada com o número do prédio onde funciona) apresenta exposições com imagens dos fotógrafos do Programa e também trabalhos externos. As mostras se renovam a cada três meses e abordam diferentes temáticas. Alexandre destaca algumas das mais importantes exposições. “As exposições ‘Esporte na Favela’, que mostrou práticas esportivas comuns na favela, e ‘Olhar Cúmplice’, com fotos dos jogos parapan-americanos, fizeram bastante sucesso.” Ambas as mostras foram lançadas em 2007 e no ano seguinte ficaram em cartaz em lugares como o Palácio do Planalto, em Brasília, e o CCBB, no Rio de Janeiro.

A fotógrafa e geógrafa, Erika Tambke, de 36 anos, trabalha na comunicação do Programa além de lidar com a Agência e o Banco de Imagens. Erika conta que os clientes que procuram o Programa buscam um outro olhar, uma perspectiva não viciada do Rio de Janeiro, que mostre a cidade por

outro ângulo. “Aqui nós mantemos todo um material produzido em função do cotidiano da favela, de uma realidade que muitos não conhecem. Isso já é um grande diferencial e traz uma nova dinâmica para a compreensão das comunidades. Através da fotografia, é possível mudar o olhar das pessoas”, ressalta.

Outro membro do Programa Imagens do Povo – exemplo de como o projeto proporciona um futuro profissional a seus integrantes – é Francisco Valdean, de 32 anos. O fotógrafo fez parte da primeira turma da Escola de Fotógrafos Populares, de 2004. Foi chamado para organizar o Banco de Imagens e hoje é um dos responsáveis pelo processo de catalogação das fotos. “Todos os fotógrafos que passam pela Escola têm a possibilidade de colocar imagens no Banco, que é um espaço para exibir esse material produzido. E quem passa pelo projeto pode replicar o conhecimento aprendido. São ações que podem proporcionar um futuro profissional”, destaca.

PRÊMIOS

A determinação e o trabalho do Imagens do Povo e de seus integrantes já receberam reconhecimento



Foto: Daniel Ruela



Complexo do Alemão, por Monara Barreto/Imagens do Povo



Complexo do Alemão, por Leo Lima/Imagens do Povo



público. Em 2004, ano de sua fundação, o projeto foi um dos vencedores do prêmio Cultura Nota 10, entregue pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Já em 2007, a Escola de Fotógrafos Populares recebeu o prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo, resultado da matéria “A Favela se Diverte”, publicada na Revista O Globo. A reportagem trazia 33 imagens feitas por fotógrafos do projeto e foram os próprios alunos que receberam a premiação, na festa realizada no Golden Room do Copacabana Palace. Nesta mesma edição do Faz Diferença, Sebastião Salgado estava sendo homenageado como Personalidade do Ano – e os jovens fotógrafos conheceram e estiveram lado a lado com um dos maiores fotodocumentaristas do país.

Em 2010 o projeto recebeu a classificação de “Ponto de Cultura” do Ministério da Cultura, que reconhece importantes ações e iniciativas culturais.

O idealizador João Roberto Ripper destaca a importância de prêmios como esses para o “reconhecimento do projeto e suas atividades”. Ainda entre as realizações do programa estão livros publicados com fotos dos alunos e exposições internacionais, como *Belonging: an inside history of Rio's Favelas* na Canning House, em Londres. □

SERVIÇO:

O Programa Imagens do Povo funciona na sede do Observatório de Favelas, na Maré. Para conhecer o trabalho do projeto basta visitar a sede e a Galeria 535. Também é possível contatar a Agência para trabalhos e doar equipamentos.

Endereço: Rua Teixeira Ribeiro, 535, Maré – Rio de Janeiro. Telefone: (21) 3105-4599 ramal 207. Site: www.imagensdopovo.org.br



Maré, por Francisco Valdean/Imagens do Povo

O esporte, a música e o teatro na Faetec

Promovendo capacitação técnica do estudante em numerosas áreas, a Fundação de Apoio à Escola Técnica oferece também cursos gratuitos para talentos das artes e dos esportes

RAFAEL RIBEIRO

Da moda à eletromecânica, da administração à enfermagem, da informática à manicure e muito mais: todo um universo de formação profissional está disponível no Rio de Janeiro – e gratuitamente. A Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (SECT), tem contribuído, desde 1997, para a formação de profissionais nas mais diversas áreas de atuação, com cursos gratuitos e de qualidade. Tanto no ensino Técnico de Nível Médio quanto no ensino profissionalizante, o objetivo é entregar ao mercado um profissional com uma formação plena. Em todos os cursos técnicos oferecidos nas escolas da FAETEC, *educação, trabalho e ludicidade* formam o tripé que fundamenta a concepção educacional.

Mas, além de capacitar profissionais para a indústria, o comércio e os serviços em campos de atuação tradicionais – e novos, como o do pré-sal e da mecatrônica –, a Faetec cumpre um papel importante na formação para artes cênicas e música. Os cursos da área artística em funções de bastidores como produção e confecção de figurinos. Outro campo de grandes oportunidades profissionais no qual a Faetec atua é o do esporte – da construção até o turismo, que ganharão impulso com os megaeventos esportivos programados para o estado.

ESPORTES

Faetec Entra em Campo – De olho no crescimento do mercado esportivo e visando à qualificação de profissionais para as demandas

Fotos: ASCOM Faetec



Fachada do CIEP Quintino

da Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, a Faetec criou, em 2010, o programa Faetec entra em Campo, composto por cursos profissionalizantes nas áreas de esportes e turismo. Há formação para as funções de recepcionista e de organizador de eventos, inglês, espanhol, francês, informática, mecânico de manutenção de apa-

Alunos praticam luta marcial no CIAM



relhos esportivos, garçom, bartender e copeiro, entre outras.

Segundo Denise Bastos, coordenadora de Atividades Físico-Esportivas e Artísticas das escolas, os cursos guardam relação direta e indireta com os eventos. “Pensando também na fase de pré-evento, justamente no momento em que obras estão sendo feitas por todo o Rio de Janeiro e Brasil, temos ainda nesse segmento os cursos de encanador, instalador predial e pedreiro de alvenaria. E a cada momento novos cursos vão surgindo”, e ressalta: “É importante salientar que o programa voltado para o segmento esportivo também busca potencializar os cursos já existentes. A ideia é que essas oportunidades de formação sejam mais procuradas pela população, como investimento e oportunidade de inserção no mercado de trabalho, aproveitando a movimentação, pensando nos eventos que serão realizados no Brasil”.

Esportes coletivos e artes marciais

Outros programas da instituição são voltados para a área esportiva através dos Centros de Educação Física e Esportes (Cefes) e do Centro Interamericano de Artes Marciais (CIAM). Os Cefes (há quatro, localizados nos Ceteps Quintino, Marechal Hermes, Barreto, Santa Cruz) beneficiam alunos e integrantes da comunidade com projetos que associam a saúde do corpo à da mente: aulas de esportes coletivos e individuais como futebol, futsal, basquete, vôlei, handball, natação, atletismo, ginástica artística e rítmica, nado sincronizado, hidroginástica, alongamento, caminhada, balé, dança sênior, dança de salão, balé e jazz.



Estudantes praticam instrumentos de sopro na Escola de Música



O Centro Interamericano de Artes Marciais (Ciam) tem aulas gratuitas de aero boxe, judô, boxe tailandês, capoeira, boxe inglês, jiu-jítsu, caratê, taekwondo e luta olímpica. Localizado em Quintino, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, o complexo forma jovens e adultos nessas modalidades de competição - inclusive para participar de campeonatos oficiais. Um exemplo de sucesso nesse campo é a trajetória do lutador de boxe tailandês Nivaldo de Freitas, formado na escola de Quintino e foi campeão brasileiro da modalidade em 2009.

Vale assinalar que, além dos cursos para a comunidade, a Fundação se volta para o preparo físico e terapêutico de seus funcionários que, em várias unidades, têm a chance de praticar ginástica laboral - série de exercícios realizada no próprio local de trabalho, com o objetivo de fortalecer cadeias musculares e evitar lesões.

A MÚSICA

Há samba, choro, bossa nova, rock, MPB e música clássica, sem barreiras de estilo no aprendizado de teoria musical e na prática de instrumentos. O ensino profissionalizante de música da Faetec é promovido por seis escolas da Rede: os Ceteps de Quintino, Marechal Hermes, Barreto, Nilópolis, Paracambi e Volta Redonda.

Segundo Paulo Basílio, coordenador da Escola de Música Baden Powell - que funciona no Cetep Quintino -, a proposta metodológica tem forte caráter inclusivo ao oferecer aulas de diferen-

tes estilos e ritmos. "Há cursos de guitarra, contrabaixo, bateria, violão, bombardino, teclado, tuba, trombone, percussão, flauta, clarineta, saxofone e canto", enumera e acrescenta: "O objetivo é a profissionalização - não apenas a do fazer musical, mas também para a reflexão acerca do fazer artístico em nossa sociedade". É costumeiro o incentivo, por parte das equipes pedagógicas, à participação dos alunos em concursos musicais em todo o Estado e também pelo Brasil afora. A capacitação leva quatro anos.

O grupo musical da escola de Quintino - Banda de Música Baden Powell, batizada em homenagem ao grande violonista brasileiro - é formado por alunos que tocam bateria, guitarra, sopros e contrabaixo e já se apresentou em eventos institucionais, na Sala Cecília Meireles e participou da programação cultural da Rio+20.

Basílio conta que muitos alunos e ex-alunos da Escola de Música foram aprovados em concursos. "Desde a formatura da primeira turma, em 2004, diversos alunos ingressaram em bandas de música de instituições como o Exército, Marinha e a Aeronáutica, além da Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem; e foram aprovados para os cursos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e do Conservatório Brasileiro de Música".

Cerca de 900 alunos passam pela instituição a cada semestre, divididos entre turmas de alunos de 7 a 13 anos de idade e turmas de alunos a partir dos 14 anos, quando os candidatos precisam

ter seus próprios instrumentos. A abertura das vagas acontece em janeiro e junho de cada ano - sempre muito concorrida.

ARTES CÊNICAS

Escola Estadual de Teatro Martins Pena - A Faetec administra desde agosto de 2006 a Escola Técnica Estadual Martins Pena. A Martins Pena, de forte tradição - tida como a mais antiga escola de teatro da América Latina em atividade -, foi criada em 1908 e oficialmente fundada três anos depois. Funcionou, a princípio, nas dependências do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em 1950, ganhou sede própria no Centro do Rio de Janeiro, na Rua Vinte de Abril, nº 14 - um solar



Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena, no Centro do Rio



Encenação da peça A vida é sonho, de Calderón de La Barca, com direção de Marcos Henrique Rego, na Escola Martins Pena, em 2012

neoclássico de 1835 tombado pelo IPHAN. Homenageando o grande autor de comédias de costume Luis Carlos Martins Pena (1815-1848), é a única instituição técnica pública nessa área no Estado e vem formando profissionais em cursos de interpretação, cenografia e figurino, entre outros. O estabelecimento tem dois palcos: o teatro Luiz Peixoto, de palco italiano, construído em 1957, e o teatro de arena Armando Costa. Em

fevereiro de 2012, foi celebrado centenário da primeira turma de formandos e, em abril, anunciou-se o projeto de restauração a ser aprovado pelo IPHAN.

Roberto Lima, diretor da escola, desfia alguns dos nomes que passaram pela formação da ETE Martins Pena: os atores Procópio Ferreira, Joana Fomm, Cláudia Gimenez, Tereza Rachel, Alexandra Richter e Walter Daquerre, entre tantos outros. Em

média, 80 alunos passam todo ano pelo curso. Lima dá a medida da procura dos candidatos na última seleção (dezembro de 2012): 1.200 inscrições para concorrer a apenas 30 vagas, 15 em cada turno (manhã e noite), incluindo até mesmo jovens vindos de outros estados e do exterior. “Recebemos alunos de países como a Argentina, o Paraguai, Uruguai e a Colômbia. São pessoas que têm a Martins Pena como referência de escola de teatro”, declarou Lima. A seleção de candidatos, que obrigatoriamente têm que ter Ensino Médio completo, passa pelo teste de habilidades específicas, com exames de interpretação teatral, canto e música e expressão corporal. O curso dura dois anos e meio e é, como todos os da Faetec, inteiramente gratuito.

Além das escolas específicas, as unidades Cetep Barreto e Escola de Teatro de Quintino oferecem curso de interpretação teatral.

Produção e adornos - As Escolas de Artes Técnicas Luis Carlos Ripper e Paulo Falcão



Ator Sérgio Britto em palestra na Escola Martins Pena, em 2008



Aula de maquiagem teatral

formam profissionais especializados nas atividades de bastidores de teatro e Carnaval. Dessas escolas, os alunos saem preparados para atuar na organização, planejamento e liderança na produção de espetáculos, e na elaboração de fantasias, adornos

e adereços. Os cursos disponíveis são os de administração teatral, camareira teatral, costura cênica, efeitos especiais, lamição, contrarregra, direção de cena, carpintaria teatral, eletricista cênico, fantasia de carnaval, maquiagem e caracterização, operador de som, operador de luz, pintura cênica, produtor executivo, maquinista teatral, arameiro, bilheteiro, cenotécnico e serralheria cênica.

São cursos para quem procura o primeiro emprego e também para atualizar os profissionais da área. Não há exigência de escolaridade, mas os candidatos precisam ter no mínimo 16 anos.

A EAT Luis Carlos Ripper – batizada em homenagem ao cenógrafo, figurinista, diretor e iluminador de cinema e teatro – fica no bairro da Mangueira, Zona Norte do Rio de Janeiro. Fundada em 2003, nestes dez anos já foi reconhecida pelo tra-

balho que desenvolve: recebeu em 2007 o Prêmio do Governo do Estado, o Cultura Nota 10, e em 2008 foi contemplada com a chancela oficial da Unesco. A EAT Paulo Falcão, a segunda escola da Rede Faetec voltada para a formação profissional em artes cênicas, foi inaugurada em 2009 e funciona no Centro de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.



Fantasia de carnaval e aula de teatro (abaixo) na Escola Luis Carlos Ripper



INCLUSÃO SOCIAL

Através do Serviço Social da Faetec (SESO), a escola também mantém projetos voltados para o Programa de Inclusão Social da Rede, com o objetivo de promover e garantir os direitos dos alunos, funcionários e familiares, com orientações sobre saúde, atividades de assistência social e programas de prevenção e debates com temas sociais relevantes do dia a dia.

Trote Inteligente – Desenvolvido em 2010, com a ideia de introduzir ações de valorização da cidadania entre os jovens, propõe atividades saudáveis para receber novos alunos – como doação de sangue, doação de livros, vestuário, alimentos e brinquedos; reciclagem, cultivo de plantas e participação em campeonatos esportivos, teatro, música e cinema.

Ligadonavida.com – Trata de combate ao uso de drogas. Foi criado em 2009 e envolve a prevenção primária ao uso indevido de drogas entre os alunos dentro e fora do ambiente escolar.

Convivendo – Também criado em 2009, enfrenta a questão do bullying e visa a prevenir ações de violência entre os alunos da Faetec e desenvolver a sensibilidade para uma convivência mais harmoniosa nas escolas. É voltado tanto para os estudantes quanto para os educadores, para que possam intervir com segurança. As oficinas são desenvolvidas pela equipe do Serviço Social nas salas de aula e com a presença do professor.

Diversidade Sexual em Debate – O programa teve início em 2011, visando proporcionar uma política de respeito à diversidade sexual nas escolas da instituição. Fernanda Bandeira, coordenadora do Serviço Social da Faetec, diz que o ambiente escolar deve ser um espaço de respeito e tolerância. “Não temos que apontar o que é certo ou errado”, esclarece e acrescenta: “O que se espera é que a escola, por meio de sua equipe de educadores, seja um lugar de respeito e harmonia”. O projeto começou por meio de uma parceria entre o antigo Programa Papo Cabeça da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), hoje Programa

de Diversidade Sexual nas Escolas, vinculado à Pró-reitoria de extensão. Nele, são realizadas oficinas com quatro horas de duração onde são abordados temas ligados a gênero e sexualidade. É destinado aos profissionais de educação, em especial aos professores e gestores escolares.

Cidadania na Escola – Voltado para profissionais da educação da Faetec, desde 2012 promove encontros com as equipes escolares das unidades da Faetec para discutir direitos e deveres envolvidos na relação escola-família-aluno. Sua dinâmica conta com atividades relacionadas às questões legais presentes no cotidiano escolar, como exposições e debates sobre os Conselhos Tutelares e Estatuto da Criança e do Adolescente e as leis aplicadas ao espaço escolar.

Foco – Com o intuito de promover a formação continuada dos profissionais que trabalham na Rede Faetec, foi desenvolvido em 2008 o Foco – Programa de Formação Continuada e Permanente, em que periodicamente são oferecidos cursos, seminários, fóruns, debates e discussões sobre diferentes temas relacionados ao universo escolar. Nos encontros, o público discute questões pedagógicas e aponta caminhos para melhorar a qualidade de ensino e relacionamento entre os funcionários.

A **Faetec** tem 224 unidades espalhadas em 51 municípios do Estado do Rio de Janeiro: 64 Centros de Educação Tecnológica e Profissionalizante (Ceteps), 35 Centros Vocacionais Tecnológicos (CVTs), 18 Escolas Técnicas Estaduais (ETEs), quatro Escolas Estaduais de Ensino Fundamental (EE-EFs), um Centro de Apoio Especializado à Educação Profissional (Escola Favo de Mel, que cuida de deficientes intelectuais), oito Faculdades de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (Faeterjs), 89 Centros de Democratização Digital (CDDs ou Faetec Digital), dois Institutos Superiores (Iserj – Mariz e Barros – e Isepam (Campos dos Goytacazes), duas Escolas de Artes Técnicas, duas Escolas de Ensino Industrial. São 191 cursos, sendo 138 deles em Formação Inicial e Continuada, 46

CDD - DEMOCRATIZAÇÃO DIGITAL

No dia 12 de abril, o governador Sérgio Cabral e o vice Luiz Fernando Pezão visitaram o Centro de Democratização Digital da Barreira do Vasco, que foi inaugurado em 2008 e é a 57ª unidade do Programa Faetec Digital. Há hoje 89 CDDs oferecendo acesso gratuito à internet e cerca de 90 vagas por trimestre para o curso de Informática Básica, além de equipamentos abertos à comunidade para serviços via web, como marcação de vistorias no Detran-RJ e de consultas médicas, com o auxílio de monitores. Cada núcleo possui de seis a doze computadores e funciona das 9h às 18h. □



Centro de Democratização Digital - CDD

cursos técnicos e 7 cursos superiores tecnológicos, que equivalem à graduação), que atendem a aproximadamente 340 mil alunos por ano – jovens, adultos e crianças; educação Básica, Técnica, Profissionalizante, Superior, Especial.

Os maiores complexos da Faetec são os Ceteps Quintino, Marechal Hermes, Barreto e Santa Cruz. Há quatro Centros de Educação Física e Esporte (Cefes) localizados nos Ceteps Quintino, Marechal Hermes, Barreto, Santa Cruz. A formação dos alunos e sua capacitação se dão igualmente em unidades como ETEs, CVTs e Faeterjs, que atuam fortemente no mercado de trabalho, de acordo com o segmento proposto.

www.faetec.rj.gov.br
Central de Atendimento (21) 2332-4085.

A Cedae como você não conhece



Guandu: estação de tratamento de água é uma das unidades da Cedae que recebem visitantes

NATAN PEREIRA

Você sabe de onde vem a água que sai da sua torneira e para onde ela vai depois que é utilizada? Desde 2009, a Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos) promove visitas guiadas às estações de tratamento de água e esgotos. Já é possível, portanto, conhecer de perto a origem e o destino da água que os cariocas e fluminenses utilizam.

A companhia abre as portas das Estações de Tratamento de Esgotos (ETE) Alegria, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, e da Barra da Tijuca, região da Zona Oeste. A empresa também disponibiliza visitas às Estações de Tratamento de

Água (ETA) do Guandu, em Nova Iguaçu (Baixada Fluminense), e do Laranjal, em São Gonçalo.

A ideia é apresentar todo o processo de tratamento pelo qual passam a água – antes de chegar ao consumidor final – e o esgoto – depois de recolhido pela empresa. Não menos importante é o objetivo social de aproximar a companhia da comunidade. O assessor de Gestão Ambiental da companhia, engenheiro José Maria de Mesquita Jr., explica ainda outras metas do programa: «Além de apresentar os serviços da Companhia, trocamos informações e viabilizamos pesquisas aplicadas, garantindo a sustentabilidade da nossa matéria-prima,

a água, para as gerações atual e futura» – finaliza José. Os guias são treinados e autorizados por técnicos em segurança no trabalho.

São 600 visitantes/mês apenas nas ETE de Alegria e da Barra da Tijuca – e é gente de todo o mundo. O público majoritário da ETE Alegria é composto por estudantes, como Yves Araujo, estudante de Química do IFRJ (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia), que, apesar de morar na cidade do Rio de Janeiro, não conhecia a estação. “A ETE é incrível. Fiz uma viagem fascinante pela estação que me abriu os olhos para uma nova área de atuação profissional. Ainda ganhei uma muda de Ipê amarelo!”, conta.

ETE Alegria: localizada no Caju, Centro da cidade do Rio de Janeiro, a ETE Alegria é uma das maiores do país e a maior do gênero operada pela Cedae, com 270 mil m². A estação está preparada para tratar até 2.500 litros de esgoto por segundo, coletado de uma área de aproximadamente 8.600 hectares. São quatro sub-bacias principais: o conjunto Centro/ Mangue/Catumbi; Alegria; Faria-Timbó; e São Cristóvão. O tratamento elimina o despejo de esgoto in natura na Baía de Guanabara, nos rios e canais urbanos. É a obra mais importante do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara. A ETE mantém na entrada um aquário de 18 mil



Foto: Natan Pereira

litros de água tratada na própria estação, com peixes ornamentais. A visita começa com um vídeo onde são mostrados o processo pelo qual passa o esgoto e as máquinas em funcionamento na ETE. Com o capacete na cabeça, é hora de conhecer as instalações em um passeio de duas horas. Acompanha-se o passo a passo do tratamento do esgoto, começando pelo laboratório que analisa amostras da água da estação. A primeira etapa do tratamento é a separação do lixo físico (sacolas plásticas e lodo, por exemplo) através da filtragem. Em seguida, o esgoto passa pela oxidação nos tanques de aeração e pelos decantadores que transformam os re-

síduos em lodo biológico. “Não adicionamos nenhum produto químico. O tratamento é feito com os micro-organismos já presentes no processo”, explica o coordenador do Centro de Visitação da ETE Alegria, João Vieira. “Controlamos o processo colocando oxigênio suficiente e garantindo que o pH esteja adequado. O esgoto é mais fácil de tratar do que a água”.

Após esse processo, o esgoto, com 98% das impurezas retiradas, já é água tratada e é devolvido para a Baía de Guanabara - ou serve para resfriar máquinas industriais. O lodo é transformado em adubo; através de um processo de secagem e aquecimento, obtém-se carvão e gás metano - parte do programa piloto que prepara a comercialização de biocombustível obtido do processo (veja o box).

ETE Barra da Tijuca: inaugurada em 2009, a ETE da Barra, na Avenida Ayton Sena, Zona Oeste da cidade, faz o tratamento primário do esgoto que será lançado ao mar pelo emissário submarino. Assim, eliminam-se os riscos do despejo in natura para o meio ambiente e a população. A visita também começa com um vídeo sobre as instalações. O passeio é realizado com a presença do coordenador do Centro de Visitação, Paulo Cesar de Barcellos, que termina o *tour* no laboratório responsável pela análise do esgoto e da água das praias da Barra. A técnica de laboratório, Natalia Vieira, ressalta que “as análises são feitas diariamente aqui no laboratório para o monitoramento do nível de poluição”.

ETA Guandu: a Estação de Tratamento que fica em Nova Iguaçu figura no Guinness Book, o livro dos recordes, como a maior do mundo. Inaugurada em 1955, funciona 24 horas por dia, trata 43 m³ por segundo (um metro cúbico equivale a mil litros) e abastece nove milhões de pessoas na região metropolitana da capital. Ali, a água barrenta do rio Guandu (formado pela junção dos rios de Ribeirão das Lajes, Piraí, Santana e Paraíba do Sul) transforma-se em água límpida e própria para o uso, através da passagem por processos como filtragem sucessiva e decantação.



Visitantes no laboratório de análises de água e esgoto

Foto: Natan Pereira

ETA Laranjal: abastece cerca de 1,5 milhão de habitantes de São Gonçalo, Niterói e Paquetá, tratando 6.200 litros por segundo por meio de um sistema que capta água dos rios Guapiaçu e Macacu, através do canal do Imunana. O visitante conhece todo o rigoroso tratamento da água, como o processo de coagulação (a transformação das impurezas em partículas gelatinosas), decantação, passagem por quinze filtros para a remoção das partículas finais, fluoretação, desinfecção por cloração e alcalinização, que tem como objetivo a correção do pH da água. Assim como nas outras estações, Laranjal mantém laboratório para a análise da água.

REPLANTANDO VIDA

Ao fim das visitas à ETE Alegria e à ETA Guandu, é possível conhecer um espaço reservado para o cultivo de mudas de árvores da Mata Atlântica, usadas pela Cedae no reflorestamento da mata ciliar nos

mananciais de abastecimento. A meta é garantir a perenidade da vegetação e melhorar a qualidade das águas. O cultivo é realizado por internos do sistema prisional do Rio de Janeiro em regime aberto e semia-aberto. O programa Replantando Vida já replantou 40 mil mudas na Estação de Esgotos Alegria e também é realizado em outros três mudários da Cedae. “Com o trabalho, os presidiários têm na companhia a oportunidade de aprender uma nova profissão”, explica Paulo Cesar de Barcellos, da ETA/Barra. □



Decantador do Guandu

Foto: ASCOM Cedae

BIOCOMBUSTÍVEIS EXTRAÍDOS DO ESGOTO

Num crescente investimento em tecnologia limpa, a Cedae está produzindo, em escala de teste, biocombustíveis provenientes do esgoto recolhido pela companhia. A ETE Alegria foi selecionada para receber os laboratórios. Atualmente, tanto a energia para a iluminação da estação como o combustível para os veículos já vêm dos biocombustíveis alternativos. Com tecnologia nacional desenvolvida em parceria com a Coppe (Coordenação dos Programas de Pós-Graduação)/UFRJ, a empresa extrai o biodiesel da gordura retirada do esgoto (500 milhões de litros de óleo são descartados por ano); pelo aquecimento do lodo, obtém-se gás com 70% de teor de metano. A empresa investiu US\$ 3 milhões nos projetos e pretende aproveitar todos os produtos e subprodutos provenientes do esgoto. (com informações da revista *Scientific American Brasil* / Março 2013)



Foto: Natan Pereira

ENTREVISTA: WAGNER VICTER

“O principal objetivo das visitas é formar uma nova consciência ambiental nos jovens”

O presidente da Cedae, o engenheiro Wagner Victer, se formou pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e cursou também administração de empresas na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); é pós-graduado em finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e em gerência de projetos pela Harvard University. Depois de passar pela iniciativa privada, foi secretário estadual de Energia, Petróleo e Indústria Naval do Rio de Janeiro e desde 2008 é presidente da Cedae. Aqui, ele fala com exclusividade ao Prelo sobre os programas de visitação, de reflorestamento e sobre projetos para o futuro imediato da companhia, com previsão de ampliações da rede e a despoluição da Marina da Glória, no Rio.

O Prelo - Qual o principal objetivo da empresa ao possibilitar visitas às estações?

Wagner Victer - Como grande parte das visitas é de estudantes e alunos de escolas municipais e estaduais, as visitas às Estações de Tratamento de Esgoto (ETE) e às Estações de Tratamento de Água (ETA) da Cedae têm como principal objetivo formar uma nova consciência ambiental nos jovens, de uso racional da água e das redes de esgoto. Nos Centros de Visitação Ambiental (CVAs), os visitantes podem ver todo o processo de tratamento do esgoto e o caminho das águas, da chegada à ETA até chegar às torneiras das casas.

O Prelo - Quais têm sido as grandes surpresas do visitante leigo ao conhecer os processos de tratamento?

Wagner Victer - Os visitantes ficam, de fato, surpresos, ao verem o resultado do tratamento secundário, que retira 98% das impurezas; afinal, a imagem de como o esgoto chega e como sai é impactante. Inclusive, após todo o tratamento, a água resultante do processo final de tratamento circula por dentro de um aquário de

Foto: ASCOM Cedae



peixes, provando a balneabilidade da mesma.

O Prelo - Qual a importância do tratamento de esgoto sem utilização de produtos químicos?

Wagner Victer - Na verdade, a Cedae trabalha das duas formas. Tem estação com tratamento quimicamente assistido (ETE Pavuna e ETE Sarapuí) e sem tratamento químico (ETE Alegria). Não há vantagem ou desvantagem. A única diferença é que o produto final do descarte, lodo, se for usado para alguma outra função não terá a presença de resíduos químicos.

O Prelo - O projeto de reflorestamento feito pela Cedae com o cultivo de mudas da mata atlântica na ETE de Alegria e ETA Guandu com detentos que estão em regime semiaberto atinge várias facetas do conceito de sustentabilidade - social e ambiental. Em que nível esse conceito hoje está aprofundado na empresa?

Wagner Victer - A Cedae possui o maior projeto de ressocialização de presos do estado e um dos maiores do Brasil. Anualmente são treinados mais de 500 presos, que recebem curso de mais de mil horas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), portanto, mais horas que um MBA, e saem formados como agentes de reflorestamento. O índice de retorno ao crime é quase zero e vários presos, inclusive, após o cumprimento da pena

estão sendo empregados, graças ao Projeto Replantando Vida, da Cedae, que tem acumulado prêmios pela iniciativa, dentre os quais o Prêmio Ouro Azul (Furnas/2007); Prêmio Brasil de Meio Ambiente (Jornal do Brasil/2007); Certificado da Associação Internacional Lions Club/2007; Prêmio TOP Social (ADB/2008); Prêmio ACRJ de Sustentabilidade (2009); Certificação do Instituto Terra de Preservação Ambiental, como participante que mais plantou no Dia C (Dia do Clima - carbon free)/2009; Prêmio Destaque Nacional de Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social (Instituto Ambiental Biosfera); entre outros.

O Prelo - Quais são os planos da Cedae para 2013?

Wagner Victer - Reforçar o processo de melhoria contínua da companhia nos setores administrativo e financeiro; maximizar o combate às ligações clandestinas em todo o estado; ampliar as redes de esgoto da Barra, Recreio e Jacarepaguá; iniciar o projeto de despoluição da Marina da Glória, que trará benefícios ao PDBG e vai ao encontro dos compromissos olímpicos; ampliar a oferta de água na Baixada Fluminense; finalizar o projeto de ampliação da rede de água em São Gonçalo, aumentando a capacidade de tratamento de cinco mil para sete mil litros por segundo. □

Foto: Natan Pereira



Aquário na ETE Barra da Tijuca



Rio de Janeiro: existe um lugar

MARIANA GHETTI

Chega a ser lugar comum falar da beleza dos recantos do Estado do Rio de Janeiro. Mas a verdade é que mesmo os cariocas e fluminenses são continuamente surpreendidos pelas paisagens únicas em sua combinação de céus, verdes e águas, de natureza e civilização; a sensação renovada de deslumbramento costuma acompanhar o cotidiano de quem mora em algum ponto dos seus 43.696.054 km² de extensão – aproximadamente a metade da extensão de Portugal. Mas, além da beleza natural e das construções arrojadas, o estado guarda uma história rica e cheia de detalhes muitas vezes pouco conhecidos. E, no ano da graça de 2013, é obrigatório falar do fortalecimento econômico e do salto qualitativo em educação, cidadania e serviços.

O livro *Rio de Janeiro: existe um lugar*, resultado da parceria do Go-

verno do Estado do Rio de Janeiro com a Nova Imprensa Oficial, começa narrando a história de um dos mais belos estados brasileiros – e prossegue ressaltando conquistas, tradições e riquezas culturais que o tornam um lugar mais do que singular: uma conjunção de circunstâncias geográficas, históricas e populacionais cercado de magia.

Com texto da jornalista Carla Rodrigues, o volume tem fotos de tirar o fôlego, feitas por Hugo Denizart – que, além de fotógrafo, é psicanalista, artista plástico e diretor de documentários. Praias, reservas e cidades históricas estão entre os cenários clicados por Denizart, que foi surpreendido pela beleza de paisagens que não conhecia. “Me encantei pelo Forte do Pico. As ruínas de pedras e a vista panorâmica que abrange Niterói e o Rio de Janeiro são inesquecíveis. Lamentei não ter conhecido aquele lugar antes. É simplesmente surpreendente e fascinante”, conta ele, que fez

cerca de 20 saídas entre setembro de 2011 e o início de 2012. “Trabalhávamos quinze horas por dia, em locais às vezes de difícil acesso, que só alcançávamos de veículo com tração nas quatro rodas”, relembra.

O fotógrafo descobriu – em suas palavras – “um Rio incrivelmente belo e muitas vezes pouco conhecido”, e ressalta a importância de um livro que conjugue a história e os traços culturais do estado do Rio. “Eu mesmo fiquei perplexo com a pouca intimidade que tinha com o Rio de Janeiro; o conhecimento é um capital fundamental para o desenvolvimento do estado”, resume.

Rio de Janeiro: existe um lugar percorre a história do estado do Rio, desvenda belezas pouco vistas, renova o olhar sobre locais exaustivamente focalizados, mergulha nas tradições e na cultura e desemboca nas recentes conquistas econômicas, sociais e de cidadania.

O Prelo traz um resumo dos tópicos desenvolvidos no livro por Carla Rodrigues, e faz uma prévia das imagens ímpares de Hugo Denizart. Rio: um lugar que existe. E que empolga, emociona e arrebatata.

A HISTÓRIA

Quando os continentes da África e da América do Sul foram separados por movimentações geológicas, há 200 milhões de anos, começaram a surgir as praias, cachoeiras, montanhas e vales na região que se tornaria o Rio de Janeiro. A moldura feita de montanhas e verde abraçou o mar nos 635 km de litoral. Era o cenário onde surgiriam tradições e costumes singulares. *Rio de Janeiro: existe um lugar* começa pela visão do passado.

E do passado remoto, chega à era dos descobrimentos. A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi fundada em 1º de março de 1565 por Estácio de Sá, para consolidar a conquista do território brasileiro pelos portugueses – os

franceses seriam expulsos dois anos depois. No período colonial, a região tinha como principal atividade a exportação de pau-brasil. Foi só a partir de 1808, quando a corte portuguesa mudou-se para o Brasil, que o cultivo do café e a criação de ferrovias expandiram para o interior as fronteiras de ocupação e impulsionaram a economia da colônia.

Os imigrantes e o clero alavancaram a expansão econômica do estado. Estrangeiros de muitas origens, índios e escravos africanos trouxeram a miscigenação que passou a ser uma das marcas do povo do Rio de Janeiro, que combinou costumes, vocabulário e artes de diversas origens. Fundamental, da mesma forma, é o papel da Igreja Católica na história do estado, inclusive ao estabelecer referências arquitetônicas – e sociais – na construção de diversas igrejas, como a de Santo Antônio, no Centro da capital.

Todas essas influências estão na origem do verdadeiro espírito

fluminense, de natureza generosa e povo batalhador. E hoje, quando o estado de 92 municípios vive um momento único na expectativa de grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, o desenvolvimento vai alcançando através de significativos investimentos públicos e privados. O Rio de Janeiro segue novos rumos.

BELEZAS NATURAIS

As praias do estado são estrelas no livro *Rio de Janeiro: existe um lugar*. Ipanema, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro – tida como a praia urbana mais bonita do mundo –, ficou mundialmente famosa através da canção de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. O berço da *Garota de Ipanema* é ao mesmo tempo balneário, palco da moda, meca de vendedores, artistas e atletas e destino de milhares de turistas. O terreno onde o bairro surgiu fazia parte da Fazenda Copacabana. Dividida em dois lo-



Casario em Santa Maria Madalena

tes em 1884, a nova área foi batizada como Vila Ipanema, termo de origem indígena que significa “água ruim”, apontando a falta de água potável no grande areal. Hoje, Ipanema acolhe em seu espaço as mais diversas tribos. São 2,6 mil km² de areias onde vicejaram no século XX movimentos artísticos e culturais e onde se lança moda.

Outra palavra de origem indígena nomeia a praia de Itacoatiara, em Niterói. O nome significa “pedra riscada” e se deve ao Alto Mourão, costão de 412 metros de altura que possui marcas brancas da base ao topo. A praia recebe turistas e surfistas em busca das boas ondas e das das muitas trilhas, como a da Serra da Tiririca.

Armação de Búzios – importante pólo turístico – recebe cerca de 600 mil visitantes por ano. Com oito quilômetros de extensão, a praia Brava, na costa de Búzios, já foi parte das terras da tribo Tupinambá. Também é destino turístico de peso a Ilha Grande, no litoral de Angra dos Reis, um balneário cercado por vegetação de Mata Atlântica; Lopes Mendes é tida como a mais bela de suas praias. Já Martim de Sá, em Paraty, recebeu esse nome em homenagem a Martim Correia de Sá, filho do governador geral do Rio de Janeiro, que em 1597 liderou a chegada dos portugueses às terras da cidade. Tendo preservado suas construções históricas, a cidade também integra o *ranking* dos pontos turísticos mais fortes do estado do Rio.

Das praias para as lagoas – a começar pela Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, que tem aproximadamente 2,4 milhões de m². No começo do século XX, suas terras pertenceram à família que a batiza até serem desapropriadas pelo Império. Tombada desde 1990, a Lagoa faz parte de uma Área de Proteção Permanente. Na região Norte do Estado do Rio de Janeiro, Jurubatiba é a maior e mais preservada restinga do Brasil, integrando um Parque Nacional. Ela acolhe as cidades de Quissa-

mã, Carapebus e Macaé em seus 44 km de extensão e abriga uma rica fauna, sendo reconhecida pela Unesco como reserva da biosfera desde 1992.

A segunda maior lagoa de água doce do Brasil, com 170 km², fica na divisa de Campos dos Goytacazes com Quissamã. A Lagoa Feia é formada pelo encontro dos rios Paraíba do Sul e Itabapana. A área tem ventos fortes que possibilitam a prática de windsurf em suas águas. Já a Lagoa de Araruama tem 210 km² e banha com sua água fortemente salgada seis cidades da região – a própria Araruama, Iguaba Grande, Saquarema, São Pedro d’Aldeia, Cabo Frio e Arraial do Cabo.

As baías se multiplicam na costa do estado. A mais do que famosa Baía de Guanabara, com seus 4.100 km², proporciona deslumbrante visão aos que chegam desde a época do descobrimento do Brasil, e tem à volta 47 praias de 16 cidades fluminenses. A Baía de Sepetiba, em Itaguaí, possui 305 km² e nela está instalado o Porto de Itaguaí – com 10 milhões de m², é portal de importantes atividades produtivas da Região Sudeste. A atividade pesqueira também contribui para o desenvolvimento econômico da região.

A Baía da Ilha Grande abrange também as enseadas de Angra dos Reis e Paraty, e é mais um palco de natureza exuberante e importante ponto turístico. São 180 km de extensão, com 365 ilhas e duas mil praias. A Ilha Grande já foi refúgio de piratas, porto de escravos e até abrigo de portadores de doenças contagiosas, por ordem de D. Pedro II.

Os parques nacionais e estaduais também são motivo de orgulho para o estado do Rio. Um dos mais conhecidos, o Parque Nacional da Tijuca é o mais visitado do país. A floresta urbana ocupa 3,5% da área da capital e recebe mais de dois milhões de visitantes por ano. O Parque abrange a Floresta da Tijuca; a Serra da Carioca, conhecida pelo Cristo Redentor; a Pedra Bonita e a Covanca. O Pico da Tijuca, com 1.021 metros de altura, e a Pedra da Gávea, com 842 metros, também fazem parte do Parque Nacional da Tijuca (*veja a reportagem nesta edição sobre a Floresta da Tijuca*).

A área do Parque Nacional de Itatiaia já pertenceu, no passado, à fazenda do Barão de Mauá, no Vale do Paraíba; compreende hoje as cidades de Itatiaia e Resende, no Estado do Rio, e Itamonte e Bocaina, em Minas Gerais. Criado



Na Costa Verde, a paisagem de Conceição de Jacareí



As cores do carnaval no Estado

em 1937, o parque se estende por 280 km². Já o Parque Nacional da Serra da Bocaina é formado por uma espessa floresta repleta de trilhas históricas, cachoeiras e praias. Com um milhão de km², o parque começa no Estado do Rio e termina no Estado de São Paulo.

O Parque Nacional da Serra dos Órgãos, criado por decreto de 1939, ocupa 200 km² vizinhos às cidades de Teresópolis, Petrópolis, Magé e Guapimirim, guardando flora e fauna variadas, com mais de 2.800 espécies de plantas e 462 tipos de aves. Na Região Norte/Noroeste do estado, o Parque Estadual do Desengano – imensa área de Mata Atlântica – foi o primeiro parque estadual fluminense, com cerca de 224 km².

O Parque Estadual da Serra da Concórdia foi recentemente criado, em 2004. Com 60 km² de Mata Atlântica, às margens do Rio Paraíba do Sul, fica próximo à cidade de Valença; o Parque Estadual da Pedra Branca, criado em 1974, cuja extensão equivale à da

cidade de Niterói, é efetivamente a maior floresta urbana do mundo, com 125 km² de Mata Atlântica, constituindo-se numa das mais importantes áreas de proteção ambiental do mundo.

Finalmente, o maior parque estadual do Rio de Janeiro é o de Três Picos, com 466 km². Criado em 2002, sua área se divide pelos municípios de Cachoeiras de Macacu, Nova Friburgo, Teresópolis, Silva Jardim e Guapimirim e ali fica o mais alto pico da Serra do Mar, atingindo 2,3 mil metros de altitude. Já o Parque Estadual da Serra da Tiririca foi criado em 1991 e possui 35 km². Abriga a famosa Pedra do Elefante, ou Alto do Mourão, e abrange as cidades de Niterói e Maricá.

CULTURA E FESTAS

A música do Rio de Janeiro está na essência de sua identidade cultural – e o exemplo número um é o samba. Praticamente um símbolo do país, o gênero musical

originou-se dos ritmos africanos; a partir do século XX, compositores como Pixinguinha e Heitor dos Prazeres começaram a dar a feição definitiva ao samba carioca.

O carnaval também sofreu influências de outras culturas para que se tornasse a festa dos dias de hoje. Os portugueses trouxeram a tradição de jogar água suja nos transeuntes – brincadeira que acabou dando origem ao lança-perfume. As grandes festas – que aconteciam nos salões das famílias abastadas – vieram de herança dos bailes de máscaras europeus. Os desfiles começaram a surgir por volta do século XX, quando sociedades carnavalescas lideradas por figuras públicas faziam passeios na Avenida Central em seus automóveis, puxando grupos que os seguiam, com confete e serpentina.

Nessa época já havia cordões com música própria, estandartes, instrumentos e fantasias. Segundo *Rio de Janeiro: existe um lugar*, o primeiro bloco carnavalesco do

estado foi o Deixa Falar, surgido no bairro do Estácio, em 1929 – e, nos anos seguintes, diversos blocos começaram a desfilar.

Outro gênero musical que é sinônimo de Brasil, a Bossa Nova, tem como marco estilístico a voz e o violão do baiano João Gilberto – mas teve como berço a Copacabana dos anos 1950. O estilo musical, influenciado pelo jazz americano, deu nova cara à música carioca e produziu sucessos perenes e mundiais. Em outra ponta do espectro estilístico, décadas depois, o funk – igualmente influenciado por um gênero norte-americano – também se tornou uma importante e legítima forma de expressão carioca, com seus bailes que alcançam públicos variados.

As românticas serenatas brasileiras ganharam uma espécie de capital na cidade de Conservatória, famosa em todo o país como a capital da seresta. E o batuque do jongo se mantém vivo no Estado do Rio como uma tradicional forma de expressão afro-brasileira de ritmo e dança; ainda está preservado no Vale do Paraíba e foi tombado em 2005 como patrimônio imaterial.

E haja festa no estado. A Folia de Reis, fortemente presente em cidades como Miracema, Macuco e Volta Redonda, é uma manifestação religiosa popular que celebra o nascimento de Cristo e a visita dos Reis Magos, no período entre o Natal e o Dia de Reis, assim como a tradição das Pastorinhas, comum em São João da Barra e Santo Antônio de Pádua: o ritual tem pastoras e pastores queimando a palha dos presépios. A Congada, que se vê em Paty de Alferes, entre outras cidades, tem origem africana e seu tema ritual é a coroação do rei do Congo e da rainha da Angola.

A Festa do Divino é famosa em Paraty, embora aconteça em diversos locais. A tradição celebra a descida do Divino Espírito Santo sobre os Apóstolos, no 50º dia depois da Páscoa. Já as Festas Juninas honram, entre petiscos e brincadeiras, os santos Antônio, João e Pedro, em todo o Estado do Rio. Cada local as celebra com características próprias, mas a alegria, as brincadeiras, danças e

quitutes são marcas registradas.

A Feira de São Cristóvão, também conhecida como Feira dos Paraíbas, é outra manifestação tombada como patrimônio cultural imaterial, em 2010, e acontece desde 1945 no bairro de São Cristóvão. Nas barracas, um pouco de tudo: comida típica, artesanato e danças dos estados do Nordeste do Brasil. A feira, frequentada por migrantes, é um ponto de encontro que mantém vivas as tradições nordestinas – e se transformou igualmente num ponto turístico.

AS CONQUISTAS

O Rio de Janeiro é o terceiro estado mais populoso do país, com seus 16,4 milhões de habitantes que se dividem entre a Região Metropolitana e o interior. O investimento na segurança e no bem estar vêm se refletindo em diversas frentes. Na capital do estado, 385 mil pessoas foram beneficiadas pelas políticas de segurança que trouxeram a pacificação a 175 comunidades, cujos moradores passaram a ter acesso aos mais variados serviços públicos. A integração com todos os setores da sociedade é outro ponto-chave deste projeto – a tranquilidade e a liberdade de transitar sem medo estão entre os objetivos alcançados. Medidas de urbanização são sinônimo de desenvolvimento.

O crescimento econômico, enfim, está em pleno curso no Estado do Rio. Aumento do volume de comércio, maior qualidade de atendimento e serviços, valoriza-

ção do turismo como fonte de renda são provas desse crescimento. Outro importante ponto de modernidade e avanço é a inclusão digital: Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Morro Dona Marta e Copacabana são algumas das áreas que contam com o Programa Rio Estado Digital, a disponibilização de internet gratuita.

Projetos como as Bibliotecas-Parque têm oferecido acesso a moradores de diversas áreas a salas de vídeo e de leitura; atividades esportivas cimentam a maior integração nas comunidades. O Complexo Esportivo da Rocinha, por exemplo, é um espaço que promove a prática de futebol, natação e judô. Na área da Saúde, as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) funcionam 24 horas por dia e buscam atender de forma rápida as necessidades das comunidades. Já são 51 UPAs distribuídas por todo o estado do Rio de Janeiro, contando mais de 14 milhões de atendimentos desde 2007.

Os investimentos nas novas instalações industriais possibilitam a geração de empregos e desenvolvimento econômico. Cidades do Sul Fluminense, como Porto Real e Resende, estão se consolidando como o segundo maior polo automobilístico do país com a instalação de montadoras como as da Peugeot e da Nissan. E, além da indústria automobilística, setores como siderurgia, logística, indústria naval, petróleo e gás natural têm contribuído para a transformação econômica do estado que cresce a cada dia. □

Esporte e lazer na UPP do Morro Dona Marta, no bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro



FLORESTA DA TIJUCA

Há 140 anos, nascia a área privilegiada do Rio de Janeiro

A floresta urbana foi criada por D. Pedro II, um pioneiro na visão da sustentabilidade. O trabalho foi concluído em 1873

LUCIANA MEDEIROS

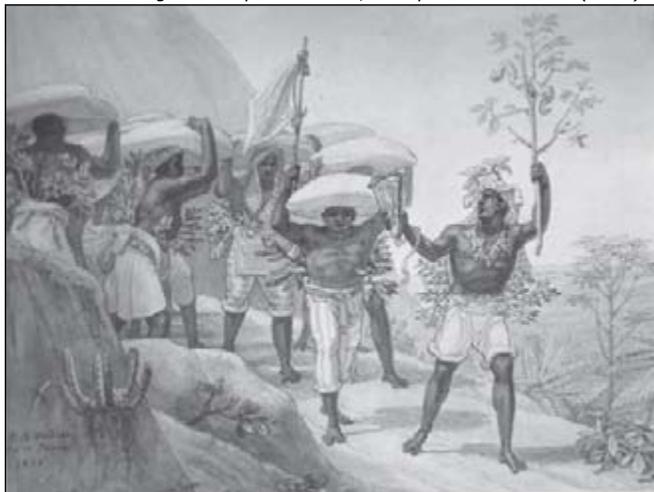
Há um coração verde na metrópole do Rio de Janeiro, e criado pela mão do homem – ou, melhor dizendo, pela vontade de um imperador pioneiro em suas ações de sustentabilidade. D. Pedro II, que reinou entre 1831 e 1889, era um homem da ciência e acompanhou com preocupação as alterações climáticas resultantes da devastação dos morros. A mais grave dessas alterações foram as sucessivas secas que castigaram a região – as mais severas em 1824, 1829, 1833 e 1843 –, entremeadas por enchentes. A causa era ligada à vida econômica da corte: a extração de madeira e principalmente o plantio desordenado, em especial de café, acabaram com a cobertura vegetal dos morros. Resultado: as nascentes minguaram e o abastecimento de água na corte foi seriamente prejudicado.

“A história de degradação

dessa floresta tem início com a chegada dos europeus no século XVI, que utilizaram seus recursos naturais para os mais variados fins: alimentação, construção, proteção, combustível, habitação, medicamentos”, relata Cátia Henriques Callado, doutora em Ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora e pesquisadora do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). “A partir do século XVIII, essa floresta começou a ser mais gravemente alterada, com

o extermínio de espécies vegetais e animais e mudança ou desaparecimento de cursos de água e nascentes. As monoculturas de cana e café modificaram e dominaram totalmente a sua paisagem até os meados do século XIX. Como testemunho deste período, hoje ainda é possível encontrar pés de café no interior das matas da Floresta da Tijuca. A supressão da mata erodiu as encostas, reduziu o volume de água potável e fez com que a cidade fosse atingida por secas e enchentes severas”, explica a especialista.

Escravos carregam café pela Floresta, na aquarela de Debret (1823)



DESAPROPRIAÇÃO E REPLANTIO

D. Pedro II começou em 1855 a desapropriar terras estratégicas no Maciço da Tijuca (em torno de mananciais e nascentes dos rios Carioca, Maracanã e Comprido) e assinou, em 1861, um decreto no qual ordenava a recomposição da floresta. O imperador nomeia administrador da

floresta o major Archer, engenheiro da Guarda Nacional, encarregando-o de comandar a colocação de dezenas de milhares de mudas. A área de reflorestamento foi ampliada cinco anos depois e, em 1873, Archer dava por terminado o trabalho, assinalando em seu relatório final o número “de 61.852 mudas” plantadas – mas calcula-se que tenham chegado a 72 mil, de variadas espécies. Segundo Cátia Callado, “o reflorestamento foi realizado com espécies nativas e exóticas

Foto: Daniel Ruela



Vista China: construída por imigrantes orientais no século XIX

Lena Trindade / ASCOM - Bot.



Flor-de-lótus

à Mata Atlântica e, aparentemente, as combinações de espécies foram aleatórias e parecem refletir um conhecimento do major Archer sobre algumas das espécies em florestas naturais da região. Os relatos informam que Archer utilizava mudas no plantio, descartando a utilização de sementes ou árvores já desenvolvidas”.

Outra figura importante no surgimento da Floresta da Tijuca foi o ministro de Negócios do imperador: além de dar o exemplo aos ricos habitantes das terras que seriam desapropriadas – ele tinha chácara ali –, Luís do Couro Ferraz, que se tornaria Visconde do Bom Retiro, propôs que, além de salvação ecológica, a área fosse pensada também como local de lazer. A inspiração, provavelmente, veio das iniciativas de remodelação do Bois de Boulogne, em Paris, e de criação do Central Park em Nova York. “Essa experiência de reflorestamento teve caráter pioneiro e singular, visto que o destino para as terras

devastadas, no período em questão, era o abandono”, garante Cátia.

SURGE O PARQUE NACIONAL

Em 1961, foi criado o Parque Nacional do Rio de Janeiro, com 33 km²; em 1967, a área foi ampliada para 39,2 km² e nesse momento ganharia o nome definitivo, Parque Nacional da Tijuca, uma Unidade de Conservação Federal composta pelos setores Floresta da Tijuca, Serra da Carioca, Pedra Bonita/Pedra da Gávea e Pretos Forros/Covanca. Esses quase quatro mil hectares cobertos de Mata Atlântica, algo como 3,5% da área do município do Rio de Janeiro, abrigam monumentos conhecidos e referências da cidade – o Jardim Botânico, o Parque Lage, a Pedra da Gávea, a Vista China, o Cristo Redentor e outros cartões postais – e existem recantos até hoje intocados pelo homem. Da flora nativa, calcula-se que vicejem em torno de 1.600 espécies vegetais, das quais mais de 400 estão ameaçadas de extinção; a fauna local tem mais de 300 espécies, ao menos 16 sob ameaça de desaparecimento.

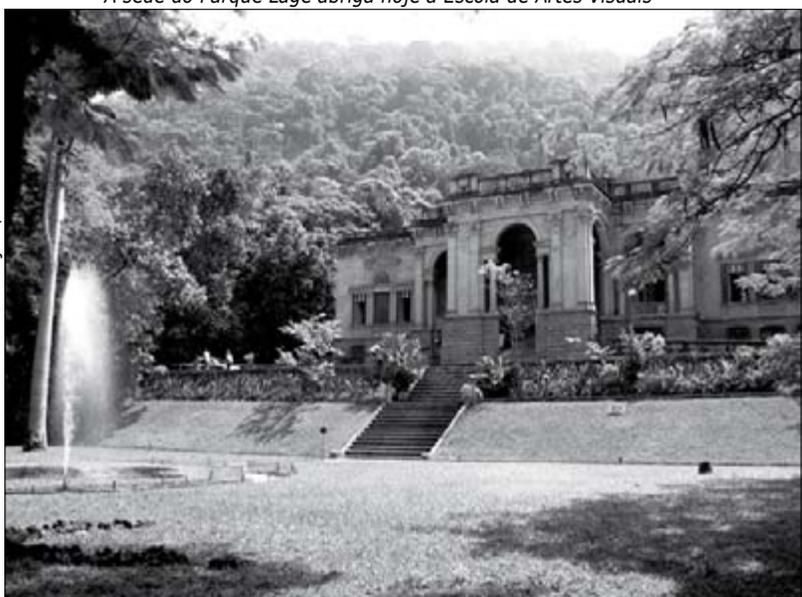
Foram muitas as transformações pelas quais passou a área do atual

Parque Nacional da Tijuca desde a fundação da cidade. Ocupada por índios, devastada por fazendeiros, transformada em quintal da corte e de negociantes ricos, hoje é inteiramente pública. Esse respiradouro natural é cuidado por diversos órgãos de apoio ao meio ambiente nos âmbitos federal (subordinado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, autarquia do Ministério do Meio Ambiente), municipal e estadual. O Parque recebe quase dois milhões de visitantes todo ano. “Atualmente, essa floresta purifica o ar, modera a temperatura, embeleza e propicia lazer e recreação para a cidade do Rio de Janeiro”, retoma Cátia Callado. “É importante enfatizar que a complexidade das preocupações ambientais urbanas cresce exponencialmente, no ritmo das metrópoles e megalópoles. A impermeabilização de solos, emissão de gases do efeito estufa, intoxicação por inseticidas domésticos, contaminação por amianto e ilhas de calor são apenas algumas das expressões agora inseridas na rotina diária das grandes cidades. Nesse sentido as florestas retomam toda a sua importância para minimizar esses problemas”, conclui a especialista.

A sede do Parque Lage abriga hoje a Escola de Artes Visuais



Foto: Vânia Laranjeira/Sec. de Estado de Cultura



ALÉM DA FLORESTA:
ATRAÇÕES DO PARQUE
NACIONAL DA TIJUCA

A Cascatinha Taunay: entre os famosos visitantes que depois se tornaram residentes estava o pintor Nicolas-Antoine Taunay, que dá nome à cascata mais alta do parque, formada pelo rio Tijuca, com aproximadamente 30 metros de altura. Nicolas integrou a missão artística francesa que esteve no Brasil em 1816.

Cristo Redentor: eleito uma das Sete Novas Maravilhas do Mundo Moderno em 2007 e um dos cartões-postais mais famosos do Rio de Janeiro e do Brasil, o Cristo teve sua pedra fundamental lançada em 1922, e foi inaugurado em outubro de 1931. Símbolo de fé e de receptividade do povo carioca, a estátua, *art déco*, tem 46 metros de altura. Coroa o Morro do Corcovado, na Serra da Carioca. Projeto do engenheiro Heitor da Silva Costa escolhido através de concurso em 1923, o monumento foi desenhado pelo artista plástico Carlos Oswald. O polonês Paul Landowsky veio da França especialmente para esculpir a cabeça e as mãos. Com estrutura de cimento armado e revestimento de pedra-sabão - material resistente às variações climáticas - a montagem da estátua levou cinco anos.

Capela Mayrink: foi construída em 1855 pelo Visconde Antônio Alves Souto em honra de N. Sra. de Belém. Passou a ser conhecida pelo nome atual em 1896, quando a área foi vendida ao Conselheiro Francisco de Paula Mayrink. O local abriga reproduções de obras do pintor brasileiro Candido Portinari.

Mirante Dona Marta: fica a 340 metros de altitude e oferece uma vista panorâmica de vários cartões-postais da cidade, como o Corcovado e a Baía de Guanabara.

Vista do Almirante: voltado para um ângulo privilegiado da Floresta da Tijuca, dali pode-se avistar também a Pedra Bonita e a Pedra da Gávea.

Paineiras: a via das Paineiras fica na Estrada Redentor, Serra Ca-

Aguas Botânicas - Marta Dolores B.G.Pires /ASCOM - JBot.



Chafariz no Jardim Botânico

rioca, à frente do Cristo. Ali é possível fazer escaladas, rapel e andar de skate e bicicleta; encontram-se cachoeiras de água pura e gelada - muitas vezes potável -, e uma vista privilegiada para a Zona Sul.

Vista Chinesa: construída em estilo oriental pelos imigrantes chineses que cultivavam café no século XIX, abre-se para uma vista panorâmica das praias do Leblon e Ipanema, e dali se avistam o Corcovado, o Pão de Açúcar e a Pedra da Gávea.

Parque Lage: a propriedade foi um engenho de açúcar na época colonial e teve como mais significativos donos os membros da família Lage. Com uma área de mais de 52 hectares, o parque público foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1957 e hoje é uma área de visitação. O grande casarão com piscina em seu átrio central, projetado em forma de *palazzo romano*, foi erguido por Henrique Lage para sua esposa, a cantora lírica italiana Gabriela Besanzoni. Hoje funciona no local a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, ligada à Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Ja-

Portal do Tempo, Antonio S.R. Cardoso /ASCOM - JBot.



Visão do Portal das Belas Artes, Jardim Botânico

neiro. O acesso ao Parque Lage é pela Rua Jardim Botânico, 414.

Jardim Botânico: criado em 1808 por D. João VI, o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro tornou-se um santuário ecológico. Localizado no bairro de mesmo nome, na Zona Sul da cidade, abriga cerca de oito mil espécies da flora

brasileira e internacional - como pau-brasil, palmeiras imperiais, coleção de plantas medicinais e jardins japoneses, além de um bromeliário que abriga 1.700 bromélias e um orquidário com 600 espécies. Animais como bichos-preguiça e sabiás convivem em harmonia com os visitantes. Tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), tornou-se um museu natural internacionalmente reconhecido. O local também abriga prédios e monumentos dos séculos XVI ao XIX. O portal da Academia de Belas Artes, a Fábrica de Pólvora construída por D. João VI e o Solar da Imperatriz fazem parte do patrimônio histórico do parque. Também integra o complexo o Museu do Meio Ambiente, pioneiro na América Latina em seu tema e que abriga exposições e debates sobre as questões ambientais. □

SERVIÇO*

Telefones: (21) 2492-2252 e 2492-2253/Fiscalização: (21) 2491-1700

E-mail: parnatijuca@icmbio.gov.br
Site: <http://www.parquedatijuca.com.br/>

O Parque, no setor da Floresta da Tijuca, funciona diariamente das 8h às 17h (visitantes credenciados, a pé, a partir das 6h), e até 18h no verão. Suas estradas permitem visitá-lo a pé, de bicicleta, motocicleta, carro e ônibus. Para conhecer a Estátua do Cristo Redentor e o espetacular Mirante do Corcovado, há opção do trem, com percurso que se inicia na estação da Rua Cosme Velho.

* *Várias atrações do Parque têm sites próprios*

ERNESTO NAZARETH

Instituto Moreira Salles celebra os 150 anos de nascimento do compositor com site que disponibiliza acervo

LUCIANA MEDEIROS

Há um ano, o acervo do compositor Ernesto Nazareth (1863-1934) reunido pelo biógrafo Luiz Antonio de Almeida começou a ser disponibilizado para o público em formato digital pelo Instituto Moreira Salles (IMS). O site, construído para se tornar referencial, vem na esteira das celebrações pelos 150 anos do nascimento de Nazareth. O acervo que chegou ao IMS em 2003 tem centenas de documentos – “fotos de família, partituras de outros autores, métodos de estudo de piano, cartas, cartões de visita, cartazes de recitais, recortes de jornal com reportagens sobre suas apresentações, compêndios de música, textos de músicos como Henrique Oswald, Heitor Villa-Lobos, entre outros”, enumera Alexandre Dias, responsável pela pesquisa, pelos textos e pela

discografia do site. “Os documentos mais raros dessa coleção constituem-se em manuscritos autógrafos de músicas como *Nenê* (tango), *Remando* (tango), *Beija-flor* (polca), *Julieta* (valsa)”.

Não é à toa que obras como *Odeon* circulam num espaço privilegiado da cultura brasileira: por trás da simplicidade sofisticada das canções, está o incontestável gênio musical de Nazareth, carioca do morro do Nheco, na região da Cidade Nova, no Rio de Janeiro. Pode-se dizer com segurança que ao menos três das 211 criações oficialmente reconhecidas de Nazareth estão entre as



O compositor aos 49 anos, em foto do acervo adquirido pelo IMS

peças instrumentais mais famosas e tocadas no país ao longo do século XX: *Apanhei-te Cavaquinho*, *Brejeiro* e a própria *Odeon*, uma homenagem ao imponente cinema inaugurado em 1909 na esquina da Avenida Central com Rua Sete de Setembro, Centro da cidade do Rio de Janeiro. Nazareth morreria em 1934, em circunstâncias misteriosas. Internado na Colônia Juliano Moreira, já muito debilitado e ausente – era portador de sífilis, doença incurável na época – ele desapareceu no dia 1º de fevereiro e seu corpo foi encontrado na represa que ficava no terreno.

Apesar da riqueza do material informativo e documental reunido por Almeida, o acervo ainda poderia ser ampliado, segundo Bia Paes Leme, coordenadora de música do IMS e responsável pela concepção do trabalho ao lado do violonista Paulo Aragão e de Alexandre Dias. “Sentíamos falta de maior quantidade de informação que fosse base para uma pesquisa musical em torno da produção artística de Nazareth”, diz Bia. “Assim, estamos inserindo



objetos digitais, tais como as partituras da obra completa, gravações e a reprodução em fac-símile de manuscritos da Biblioteca Nacional e de outras fontes.”

Além da linha do tempo detalhada e da fatura iconográfica, Bia destaca do site a seção em que as peças podem ser baixadas em

formato melodia/cifra, que permite a interpretação por outros instrumentos além do piano. “Do conjunto de composições de Nazareth, 120 peças já estão também disponíveis nesse formato”, avisa ela. “E Alexandre Dias prossegue incansavelmente na pesquisa”, revela ainda. “Graças à Hemeroteca

Digital da Biblioteca Nacional, ele vem permanentemente verificando e corrigindo datas de composições e faz descobertas incríveis, como a notícia de que Nazareth tocou um trio de Beethoven.” No site, o blog alimentado por Alexandre permite a troca de informações entre pesquisadores e público. □

Um chorinho chamado Odeon

Ai, quem me dera / O meu chorinho / Tanto tempo abandonado / E a melancolia que eu sentia / Quando ouvia / Ele fazer tanto chorar / Ai, nem me lembro / Há tanto, tanto / Todo o encanto / De um passado / Que era lindo / Era triste, era bom / Igualzinho a um chorinho / Chamado Odeon

O cinema Odeon foi aberto em 1909 e chegou como o mais luxuoso do Rio, com duas salas de projeção. No ano seguinte à inauguração, o cinema ganhou mais uma atração: o compositor Ernesto Nazareth animava as prévias das sessões de cinema tocando o piano do saguão. Morava pertinho, no número 81 da própria Rua Sete de Setembro. “Nazareth virou uma atração à parte”, escreve o biógrafo Luiz Antonio de Almeida, em texto

reproduzido por Alexandre Dias em seu blog O Malho. “Ficou notório o fato de muita gente ir ao cinema só para ouvi-lo deixando, inclusive, de assistir ao filme [Ruy Barbosa estava entre eles, sempre pedindo a Ernesto que tocasse a valsa ‘Confidências’]. Por conta própria, Nazareth editou, ainda em 1910 o tango Odeon, dedicado ao cinema. Esta música em pouco tempo alcançou enorme popularidade.”

Em 1968, Nara Leão apresentou a toda uma geração o choro (ou *tango brasileiro*, na classificação oficial) *Odeon*, encomendando a Vinicius de Moraes uma letra para a peça instrumental escrita mais de meio século antes. Quatro décadas mais tarde, em 2007, Fernanda Takai regravou a canção no seu disco-homenagem a Nara, apresentando-a por sua vez às novas gerações. Alexandre Dias lista mais



de 90 gravações do choro, como as de Francisco Mignone e sua mulher Maria Josephina, Arthur Moreira Lima, Radamés Gnattali, Vânia Bastos, MPB-4, Ademilde Fonseca, Jacob do Bandolim, Nilze Carvalho, Baden Powell, Turibio Santos e Pixinguinha.

Antes da iniciativa do IMS, lançada em 2012, a cravista carioca Rosana Lanzelotte já havia feito um profundo trabalho de pesquisa e compilação da obra de Nazareth, contando também com a colaboração de Alexandre Dias. Em 2008, ela reuniu e disponibilizou na Internet pela primeira vez

a totalidade das peças de Ernesto Nazareth, revistas e editoradas (ou seja, em partituras *passadas a limpo*). O programa teve apoio da Natura Musical e incluiu a realização de oficinas e o lançamento do CD *Nazareth* (Biscoito Fino), em que a cravista registrou 15 peças do compositor – incluindo as inéditas em disco *Encantador* e *Furinga*, e outras joias raras do repertório nazarethiano, como *Fidalga* e *Elegantíssima*. <http://www.ernestonazareth.com.br>



A cravista Rosana Lanzelotte

SERVIÇO:

<http://www.ernestonazareth150anos.com.br>

Instituto Moreira Salles
(Rio de Janeiro):
Rua Marquês de São Vicente, 476,
Gávea
CEP 22451-040
Rio de Janeiro-RJ

Tels.: 21 3284-7400
21 3296-2500
Fax: 21 2239-5559

Horário de visitação:

De terça a sexta, das 11h às 20h
Sábados, domingos e feriados,
das 11h às 20h.

Um museu homenageia a Mãe África



Fotos: Rafael Ribeiro

Na Baixada Fluminense, um espaço dedicado a uma das matrizes do povo brasileiro

RAFAEL RIBEIRO

A cultura africana tem um espaço privilegiado em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Localizado no bairro Valverde, o Instituto de Pesquisa Afro-Cultural Odé Gbomi conta com um acervo de aproximadamente 350 peças, como joias, esculturas, pinturas, tecidos e livros que apresentam parte da história da África, continente que forneceu uma das matrizes do povo brasileiro. O museu tem entrada gratuita.

O centro cultural de origem iorubá – um dos principais ramos linguísticos africanos – é o primeiro do segmento no Estado do Rio de Janeiro. Foi inaugurado em 2008 pelo pesquisador e curador Antonio Montenegro e já no ano seguinte foi inserido no catálogo

nacional do Instituto Brasileiro de Museus. Montenegro se responsabiliza inteiramente pela manutenção do espaço.

O nome, relata o curador, é uma homenagem aos caçadores africanos – aqueles que sobrevivem da caça para alimentar as suas famílias. “Odé Gbomi foi o representante dos caçadores no continente africano, aqueles que não caçavam por esporte: matavam apenas o suficiente

para sobreviver, sem prejudicar os ciclos naturais”, disse. No Brasil, o povo iorubá aportou como escravo, trazido em navios negreiros.

“No que diz respeito à presença africana na origem do Brasil, há muita informação que não está nos livros. É importante que se quebre esse paradigma e que outras visões da História sejam reveladas. Um dos nossos objetivos é o de ajudar a devolver a identidade cultural e histó-

rica ao negro, que na maioria das vezes não sabe de que país ou tribo descende. E, no Brasil, todos temos, em alguma medida, ascendência africana”, conta ainda Montenegro, ampliando a visão sobre o alcance do museu. “Também abrigamos discussões e eventos em torno de grupos sociais como os indígenas, minorias que sofrem preconceito, e as mulheres”, ressalta.

O espaço não recebe nenhum tipo de apoio financeiro e as peças têm sido compradas pelo próprio curador ou doadas por terceiros.



Vaso Aschanti, usado pelos reis para guardar ouro

Algumas datam de mais de dez séculos, segundo Montenegro, que sonha viajar pela África para enriquecer ainda mais a coleção. Sua principal peça é um vaso Aschanti, que monarcas utilizavam para guardar ouro. Outro artefato de importância museológica é um facão de caça, cuja idade também é avaliada em cerca de dez mil anos, assegura o curador. Há peças recolhidas e adquiridas no Brasil e diversos itens foram trazidos de países africanos como Nigéria, Angola, Guiné-Bissau, Papua Nova Guiné e Moçambique.

Montenegro faz questão de lembrar que a Lei 10.639/2003 institui a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas públicas e particulares: “Contar esta história é fundamental. Os estudantes devem saber quais são as culturas que há séculos vêm ajudando a construir o nosso país”.



Antonio Montenegro, curador do museu

A frequência do museu mostra alunos de escolas e universidades. Há visitas guiadas e a oportunidade de assistir a uma aula de história da África. A casa de cultura também oferece ao público sessões gratuitas de filmes, toda segunda-feira. Na programação, filmes brasileiros, obras com temática africana e documentários em geral. □

SERVIÇO

Instituto de Pesquisa Afro-Cultural Odé Gbomi
Endereço: Rua Carlos Acyole, 288. Bairro Valverde, Nova Iguaçu

Telefone: (21) 3766-6729
www.institutoafrodegbomi.com.br



O museu, localizado em Nova Iguaçu, tem em acervo peças que contam a história da África, entre objetos de arte e livros

Ciência e humanidades nas páginas do pioneiro *O Patriota*

Precursor do jornalismo científico no Brasil, O Patriota completa bicentenário de criação

THAÍS BRITO

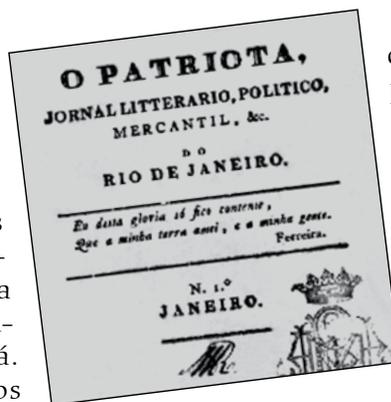
O primeiro periódico brasileiro a publicar artigos literários, políticos e mercantis chegou ao bicentenário: com dezoito exemplares produzidos pela Imprensa Régia, atualmente Imprensa Nacional, entre janeiro de 1813 e dezembro de 1814, *O Patriota* entrou para a história da imprensa no Brasil como o primeiro veículo direcionado exclusivamente para a divulgação científica no país. E não foi só. O jornal também foi pioneiro, em terras brasileiras, na utilização de ilustrações, trazendo expressiva contribuição iconográfica com a adoção de gravuras, tabelas e quadros em suas páginas.

Com uma proposta de cunho iluminista – movimento filosófico já em declínio, que buscava a libertação pelo conhecimento e logo seria substituído pelo romantismo –, *O Patriota* se aventurava em assuntos ligados a diferentes áreas como botânica, zoologia, mineralogia, cartografia, filosofia, literatura, história, medicina, matemática, química, topografia e navegação, entre outros. O padrão gráfico era bem distinto daquele dos jornais que circulam hoje, assemelhando-se a uma revista, com algo entre 110 e 130 páginas em cada edição – que saíam, a princípio, mensalmente. Posteriormente, o *Patriota* passou a ser bimestral.

O jornal estava imerso num contexto marcado pelas radicais mudanças políticas, sociais e econômicas provocadas pela chegada da Família Real – e pelas restrições impostas pela Coroa Portuguesa para a impressão de títulos na colônia. A publicação era produzida e editada pelo jornalista Manuel Ferreira de Araújo, que integrava uma rede de intelectuais luso-brasileiros empenhados em defender o Brasil como centro do poder durante o período de permanência da corte no país.

Entre os colaboradores do jornal estão José Bonifácio de Andrada e Silva, Domingos Borges de Barros – que se tornou depois Visconde de Pedra Branca – e Mariano Pereira da Fonseca – posteriormente Marquês de Maricá. Registram-se entre os assinantes diversos representantes da nobreza como o Barão de Rio Seco, o Marquês Torres Novas e os Condes dos Arcos, da Palma; e destaca-se da lista o nome de ninguém menos que Carlota Joaquina.

Os interessados em navegar para o passado e mergulhar nas páginas do jornal publicado na época



de Dom João VI podem recorrer ao site da Biblioteca Nacional. Ali, de maneira acessível, o usuário pode “folhear” e acompanhar toda a trajetória do veículo do primeiro ao último número.

Para quem quer ter a história ao alcance dos dedos – físicos, e não virtuais –, e quem sabe até sentir o aroma do século XIX nas tramas do papel, é possível conferir pessoalmente todos os exemplares de *O Patriota* preservados pela Fundação Biblioteca Nacional e disponíveis em seu acervo para consulta. □

Reprodução do primeiro exemplar do jornal *O Patriota* (acima); imagem do site da Biblioteca Nacional (ao lado)

1813 - 1ª Subscrição					
Janaro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho
1	2	3	4	5	6

1813 - 2ª Subscrição					
Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1	2	3	4	5	6

1814 - 3ª Subscrição					
Jan./Fev.	Mar./Abr.	Mai./Jun.	Jul./Ago.	Set./Out.	Nov./Des.
1	2	3	4	5	6

Imagens: Acervo Fundação Biblioteca Nacional

SERVIÇO

Biblioteca Nacional

Todos os números digitalizados do jornal *O Patriota* estão no endereço: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/opatriota/opa-triota.htm

VISITAS GUIADAS

Dias úteis – segunda a sexta-feira – 10h às 17h
Sábados, domingos e feriados – 12h30 às 16h30
(21) 2220-9484 e (21) 3095-3881
Preço do ingresso: 2,00(Reais), com meia entrada para estudantes e gratuidade para pessoas com mais de 60 anos

PESQUISA AO ACERVO

Acervo Geral e Periódicos:
Segunda a sexta – 9h às 20h – sábados: 9h às 15h (apenas periódicos microfilmados)

Acervo Especial (Manuscritos, Obras Raras, Cartografia, Iconografia)

Segunda a sexta:

10h às 18h

EXPOSIÇÕES

3ª a 6ª feira – 10h às 17h
sábado, domingo e feriado – 12h às 17h
Espaço Cultural Eliseu Visconti
Rua México, sem número (fundos da Biblioteca Nacional, entrada pelo jardim).

Guia mostra as atrações do Vale do Café

Com distribuição gratuita, o volume relaciona pontos turísticos e culturais da região

LUCIANA MEDEIROS

O Vale do Café acaba de ganhar um guia ilustrado e abrangente. A região do sul fluminense é nos dias de hoje polo turístico repleto de atrativos culturais e está retratada em detalhes no Guia Cultural do Vale do Café, que tem apoio institucional da Secretaria de Estado de Cultura, e foi lançado pela Editora Cidade Viva em evento no Palácio da Cidade, no início de abril. Os oito mil exemplares do livro serão distribuídos gratuitamente em todo o estado, nas secretarias de turismo da região, nas sedes de atrações mapeadas e através do site da editora.

As 168 páginas trazem 114 verbetes fartamente ilustrados, com dados sobre espaços culturais e expressões artísticas, artesanato e produtos típicos, fazendas históricas e hospedagem, cafés, bares e restaurantes temáticos, além de personagens e outros atrativos de cada uma das quatro regiões do

Vale do Café.

A obra divide as áreas do Vale em quatro regiões: a primeira abrange os municípios de Resende, Barra Mansa e Volta Redonda; as cidades de Barra do Piraí, Pinheiral, Piraí e Rio Claro integram a Região 2; a Região 3 inclui Vasouras, Paty de Alferes, Miguel Pereira, Eng^o Paulo de Frontin, Paracambi, Mendes e Paraíba do Sul; já Valença e Rio das Flores são agrupadas na Região 4, última categoria do guia. A obra é ilustrada e traz um calendário que informa as principais festas e eventos da região.

UM CONVITE À VISITAÇÃO

Para o descendente de uma das famílias pioneiras do Vale do Café e curador do guia, Aloysio Clemente Breves, o percurso para a construção do livro foi uma maneira de mostrar a cultura da região que faz também parte da sua história: “Foram mais de três mil quilômetros percorridos. Do pequeno Centro Cultural que promove a música e o artesanato ao grande festival Vale do Café, encontramos uma miríade de atividades que valorizam a riqueza local e mostram que é possível produzir atividades culturais através do grande incentivo ou da



Fazenda Santo Inácio, Rio das Flores

sabedoria popular”, pontuou. Já o organizador do livro Fernando Portella falou um pouco mais sobre a obra: “Os locais apresentados neste Guia têm um aroma especial. Não é um indicador apenas, mas um convite para uma relação amorosa de envolvimento com a história, a natureza, o artesanato, as comidas típicas, as festas e artes”, resumiu. □

Guia Cultural do Vale do Café

(Cidade Viva Editora)– 168 páginas, 114 verbetes sobre arte, cultura, história e serviços de turismo das quatro regiões do Vale. Exemplares gratuitos podem ser solicitados pelo telefone (21) 2233-3690 ou pelo email faleconosco@institutocidadeviva.org.br

Site da editora:

www.institutocidadeviva.org.br



O cambucá: símbolo de proteção ambiental

Reserva ecológica em Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, busca preservar a árvore nativa da Mata Atlântica

THAÍS BRITO

A Reserva Ecológica Municipal dos Cambucás se estende por uma área de 549.000 m² no município de Cantagalo, região serrana do estado do Rio de Janeiro. É uma paisagem natural privilegiada formada por árvores imponentes e uma fauna de animais silvestres. Localizada entre as fazendas da Batalha e Lavrinhas na Bacia dos Cambucás, no alto da Serra da Batalha, é considerada patrimônio intocável e de preservação permanente. Criada em 12 de outubro de 1989, a reserva foi batizada em homenagem à árvore cambucá, que está em risco de extinção por conta do desmatamento e da ação predatória, restando somente alguns pés adultos.

Da família da *Myrtaceae* – a mesma da jabuticaba e da pitanga –, o cambucá ou cambucazeiro é uma árvore frutífera que chega a alcançar dez metros de altura em mata fechada. Tem copa arredondada e caule forte e avermelhado. Identificada pelo

nome científico de *Plinia edulis*, a espécie, de crescimento lento, leva de 15 a 18 anos para dar seus primeiros frutos, característica que a impede de ser uma fruta comercial. O cambucá, além de ser considerado muito saboroso, é de grande importância para o equilíbrio ambiental por ser fonte de alimento para diversas espécies.

Algumas iniciativas vêm protegendo a espécie imponente e rara,

nativa da Mata Atlântica. Entre elas, destaca-se o *Projeto Cambucás*, que trabalha em âmbito escolar a educação ambiental e a responsabilidade social visando à preservação dessa espécie. Desenvolvido desde 2001 pelo Colégio Euclides da Cunha, do município de Cantagalo, o projeto tem como a ideia central a realização de atividades com os alunos, usando como espinha dorsal a luta pela proteção do cambucá – com o intuito de formar jovens com pensamento crítico e ético. “Durante as visitas, os alunos são chamados a conhecer o ambiente natural da reserva, reconhecendo-o como área remanescente de Mata Atlântica”, descreve a coordenadora do projeto Fabiana Corrêa. “Eles acompanham e realizam o plantio constante de mudas de cambucás e de outras espécies nativas, e os levamos a explorar o contexto histórico que levou à delimitação da área da reserva e, posteriormente, à sua criação. Com essas ações, queremos que os alunos desenvolvam uma cultura de preservação do patrimônio natural e histórico do município”, diz Fabiana,



Fotos: Acervo do Projeto Cambucás

Em risco de extinção, o cambucá tem copa imponente e caule forte



O fruto do cambucazeiro, da família das jabuticabas

que também é autora do livro infantil *A história de um Cambucazinho*, inspirado na Reserva Ecológica Municipal dos Cambucás e que alerta para a necessidade de defender a natureza. “A partir do livro, podemos discutir não apenas a questão da ameaça de extinção, ou do cambucá de nossa região, mas também abordar a ameaça sofrida por diferentes espécies de Mata Atlântica”, resume a coordenadora.

O CAMBUCÁ

A floração vai de outubro a dezembro. Os frutos, de textura semelhante à do pêssego, têm entre 4 e 7 cm de diâmetro e um sabor que lembra o da jabuticaba. Em geral, o cambucá pode ser colhido em dezembro e janeiro. Inicialmente verde, de casca fina, ganha tom amarelo-alaranjado durante o processo de crescimento, brotando diretamente do caule e dos galhos. Cada fruta tem uma única semente, cuja germinação leva entre 40 e 100 dias. □

SERVIÇO

Para mais informações sobre o Projeto Cambucás:

Blog: www.projetocambucas.blogspot.com.

E-mail: projetocambucas@gmail.com ou cambucazinho@gmail.com

Telefone: (22) 2555-4166

Revista online discute desenvolvimento sustentável do Estado do Rio de Janeiro

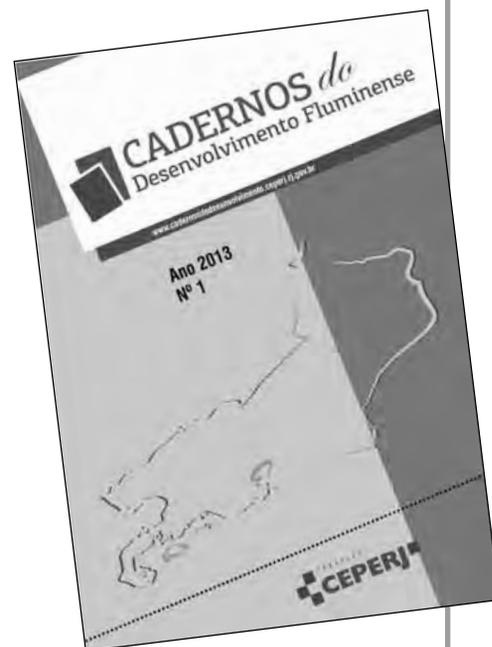
Fundação Ceperj lança publicação acadêmica

THAÍS BRITO

Lançada em abril pela Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro (Ceperj), a revista *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense* é mais nova publicação voltada para a divulgação científica do estado do Rio de Janeiro. Um dos principais objetivos dos *Cadernos* é o de incentivar universidades e centros de pesquisa a ampliarem a adoção do território fluminense como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Assim, pretende se transformar em um instrumento acadêmico permanente para reflexões sobre estratégias de fomento ao desenvolvimento socioeconômico da região e de estímulo ao planejamento e à coordenação de políticas nas instituições públicas.

Disponível gratuitamente na internet e de periodicidade quadrimestral, a revista foi desenvolvida pelo Centro de Estatísticas, Estudos e Pesquisas e traz em cada edição, em média, oito artigos multidisciplinares e uma resenha. Mônica Simioni, diretora do CEEP, edita a publicação e o professor Jorge Britto, da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, é editor científico.

“A revista pretende ser um instrumento que reúna a produção acadêmica sobre as perspectivas do estado”, explica Monica. “Isso permite maior visibilidade para quem está produzindo, para as instituições que fomentam esses estudos e, também, estimula o surgimento de mais estudos voltados para a compreensão da realidade do estado, para a



origem dos problemas que enfrentamos e como resolvê-los”, acrescenta.

O projeto, em parceria com professores e pesquisadores de instituições públicas e privadas do estado, surgiu em 2012. Na ocasião, um grupo de estudiosos com trabalhos sobre o estado se reuniu com a instituição para discutir a criação de um veículo para propagar os saberes sobre as diversas regiões do Rio de Janeiro. Nascia, então, a revista *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*.

No número de estreia, destacam-se artigos como *Desconcentração econômica e atratividade regional no estado do Rio de Janeiro entre 2000 e 2010*, do economista Helcio de Medeiros Junior, e a *Situação atual do IPTU no Rio de Janeiro e sua possível reforma* do pesquisador licenciado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e doutorando da Universidade de Pretória, na África do Sul, Pedro Carvalho. □

SITE DA PUBLICAÇÃO:
<http://cadernosdodesenvolvimento.ceperj.rj.gov.br/>

O meio ambiente em destaque

Biblioteca do Inea reabre após reforma e atrai público interessado na temática ambiental

THAÍS BRITO

A população do Rio de Janeiro ganhou de volta um espaço voltado para a leitura e o saber, com acervo especializado na temática ambiental: foi reaberta em fevereiro a Biblioteca Fausto Guimarães, do Instituto Estadual do Meio Ambiente, em São Cristóvão. O local abriga cerca de 20 mil exemplares: livros, periódicos, folhetos, estudos e relatórios de impacto ambiental (EIA-RIMA) e de auditoria ambiental (RAA).

O novo acervo do espaço é constituído por documentos e publicações da Fundação de Engenharia de Meio Ambiente (Feema) da Superintendência de Rios e Lagoas (Serla) e do Instituto Estadual de Florestas (IEF), instituições que deram origem ao Inea, criado em 2009. Também estão à disposição do público publicações de dois órgãos já extintos, o Instituto de Engenharia Sanitária e a Empresa de Saneamento da Guanabara, além de materiais diversos de institutos de pesquisa nacionais e internacionais.

Entre os itens da coleção, destacam-se as obras completas do engenheiro sanitário brasileiro Saturnino de Brito, publicadas entre as décadas de 1940 e 1960. Ao todo são 31 livros sobre a área de saneamento básico e urbanismo como *Abastecimento de águas: parte geral, tecnologia e estatística* (1943), *Defesa contra*



Acervo reúne estudos e publicações sobre meio ambiente e sustentabilidade

inundações (1944), *Estudo e investigação de regime hidráulico de lagoas e canais* (1961), entre outros.

Ao reabrir, a biblioteca expande a consulta ao acervo que, desde 2002, estava restrito somente a estudos, relatórios e auditorias ambientais após um incêndio que danificou as instalações do espaço. Além disso, o público pode consultar todos os títulos da coleção do órgão através da internet. Para isso, basta entrar no site.

Exclusivamente para os servidores da Secretaria do Ambiente (SEA) e do INEA, são oferecidos serviços como empréstimo domiciliar, renovação e reserva on-line. Opções personalizadas como visualização do histórico e perfil

de interesse são outras facilidades para os funcionários.

Visando a enriquecer seu acervo, a Biblioteca aceita ainda doações bibliográficas, sujeitas a avaliação. Contatos para doações podem ser feitos pelo e-mail da instituição. □

SERVIÇO

Biblioteca Central do Inea

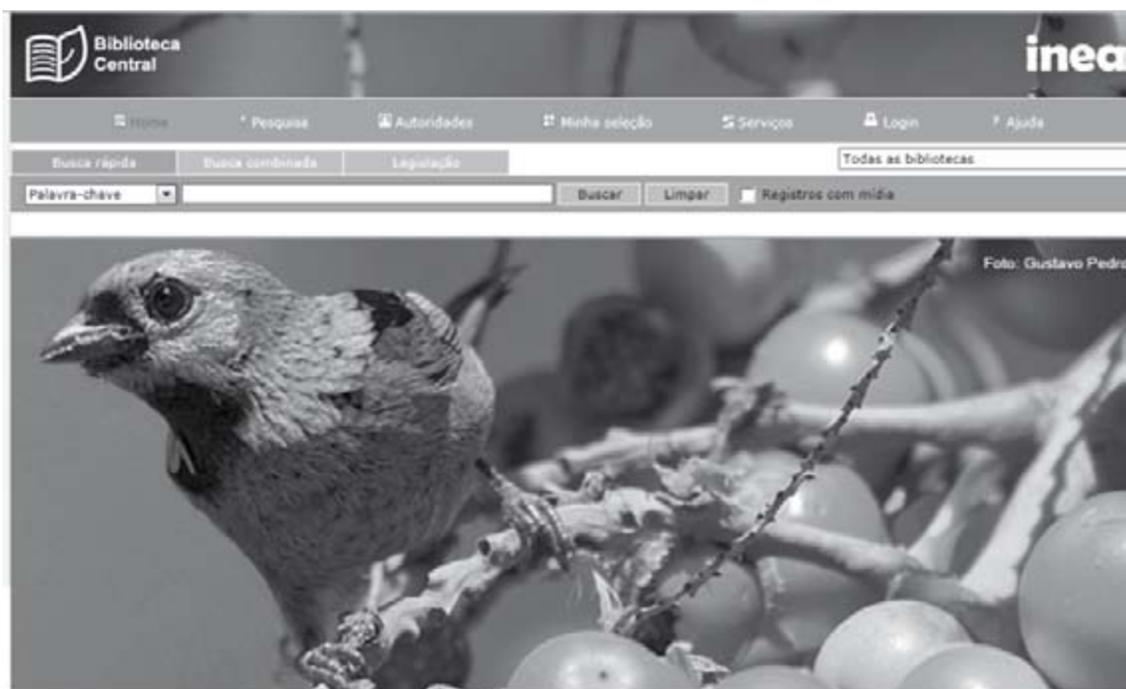
Endereço: Rua Fonseca Teles, 121, São Cristóvão, 9º andar.

Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h30 e 14h às 17h30.

Telefones: (21) 334-8313/8440.

E-mail: biblioteca@inea.rj.gov.br.

site: <http://200.20.53.7/biblioteca>



Você com estágio, salário e um futuro inteiro pela frente.

Os alunos da 2ª série do Ensino Médio da rede estadual, a partir de agora, terão estágio remunerado nas secretarias e órgãos do Governo do Rio de Janeiro. Assim, o jovem conhece uma carreira e fica mais fácil definir seu futuro.

Inscreva-se: www.rj.gov.br/educacao



GOVERNO DO
Rio de
Janeiro

SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO



VOCÊ VAI PRECISAR TER O SEU CERTIFICADO DIGITAL, ENTÃO, QUE SEJA UM OFICIAL.

O CERTIFICADO DIGITAL DA IMPRENSA OFICIAL, ENTRE OUTRAS VANTAGENS, OFERECE:

- Economia de até 15% para as microempresas, empresas de pequeno porte e os microempreendedores individuais.
- Certificado emitido na hora, testado e pronto para uso.
- Padrão ICP-Brasil. A única assinatura digital com validade jurídica.
- Segurança em transações eletrônicas.

IMPORTANTE: A PARTIR DE AGORA
O CERTIFICADO DIGITAL É OBRIGATÓRIO
PARA REALIZAR SERVIÇOS OFERECIDOS
PELO GOVERNO.

Faça já o seu agendamento aqui:

www.io.rj.gov.br

Ou ligue 0800-2844675, das 9h às 18h.



ADQUIRA O SEU CERTIFICADO DIGITAL EM QUALQUER UM DOS SEIS ENDEREÇOS DISPONÍVEIS:

NITERÓI: Rua Professor Heitor Carrilho, 81 - Centro, Niterói/RJ

NITERÓI: Av. Visconde do Rio Branco, 360 - 3º piso, loja 321 (Shopping Bay Market) - Centro, Niterói/RJ

RIO DE JANEIRO: Rua São José, 35 - Salas 222/224 (Ed. Garagem Menezes Cortes) - Centro, Rio de Janeiro/RJ

SÃO GONÇALO: Av. São Gonçalo, 100, 3º Piso (São Gonçalo Shopping, Rio Poupa Tempo) - Boa Vista, São Gonçalo/RJ

SÃO JOÃO DE MERITI: Rodovia Presidente Dutra, 4.200 (Rio Poupa Tempo) - Jardim José Bonifácio, São João de Meriti/RJ

BANGU: Rua Fonseca, 240 - 2º andar (Bangu Shopping, Rio Poupa Tempo) - Bangu, Rio de Janeiro/RJ